



REPÚBLICA E DEMOCRACIA

O futuro não espera

[illegible]

Documento síntese da série de entrevistas realizadas entre

18 DE JANEIRO E 15 DE MARÇO DE 2021

na busca de organizar consensos para orientar

UMA NOVA FRENTE NO BRASIL



ÍNDICE

Propósito e Metodologia	07
Transmissões.....	09
Metodologia	11
Manchetes	14
Apresentações	27
Matérias.....	40
Entrevistas	53
Perspectivas Consensuais.....	83
Enunciados.....	91



PROMOÇÃO:



**Instituto
Novos
Paradigmas**

www.novosparadigmas.com.br

INSTITUTO

***DEFESA DA
CLASSE
TRABALHADORA***

www.ideclatra.com.br

APOIO:



www.direitosfundamentais.org.br



ARTICULAÇÃO E COORDENAÇÃO:

TARSO GENRO, presidente dos conselhos do INP e do DDF, o ex-ministro e ex-governador do RS.

APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Drª SANDRA BITENCOURT, jornalista, pesquisadora e professora, Diretora de Comunicação do INP.

DIREÇÃO EXECUTIVA:

JORGE BRANCO, diretor executivo do INP e do DDF.

OPERAÇÃO TÉCNICA E REPORTAGEM:

GUILHERME GOMES

PESQUISA E APOIO:

VITOR MARTINEZ

DESIGNER:

ANDREA PEREIRA





PROPÓSITO E METODOLOGIA

A base dos diálogos girou em torno da questão do

PACTO DEMOCRÁTICO DE 88

cujos desdobramentos na área da economia e das políticas sociais, não tem tido uma mínima efetividade, que possa ser classificada como satisfatória.

Mesmo que não esteja no escopo do projeto, o slogan

"O FUTURO NÃO PODE ESPERAR"

sinaliza para 2022 deixando claro que a articulação deve começar o quanto antes.

A finalidade deste projeto foi ouvir grandes personalidades políticas do país na busca de consensos estratégicos. Com essa lógica funcionou a escuta dos destacados líderes progressistas. A base do diálogo promovido neste espaço utilizou uma metodologia que objetiva **"pontos comuns"** e não explorar os dissensos entre as esquerdas. Estivemos dialogando para constituir consensos superiores e assim unificar uma nova pluralidade, ouvindo a capacidade de leitura e propostas de líderes do campo progressista.



The background features a light gray surface with several thin, orange lines forming geometric patterns. These lines intersect to create diamond shapes. Three of these diamonds are filled: one orange diamond in the upper left, and two dark gray diamonds, one in the upper right and one in the lower left. The word "TRANSMISSÕES" is centered in a bold, black, sans-serif font.

TRANSMISSÕES

Transmissões **AO VIVO**

feitas pelas páginas



Transmissão pela



As quatro primeiras entrevistas somadas alcançaram, em audiência,

2 MILHÕES DE PESSOAS

- TVE Bahia;
- UOL;
- Rádio Brasil atual FM, para a Grande São Paulo;
- Rede Soberania e Brasil de Fato.



The background features a light gray surface with several thin, orange lines forming geometric patterns. One line runs diagonally from the top left towards the center, passing through an orange diamond. Another line runs diagonally from the top right towards the center, passing through a dark gray diamond. A third line runs diagonally from the bottom left towards the center, passing through a dark gray diamond. A fourth line runs diagonally from the bottom right towards the center, passing through a dark gray diamond. The word "METODOLOGIA" is centered in the middle of the page in a bold, black, sans-serif font.

METODOLOGIA

Este documento oferece uma síntese dos principais destaques contidos nas

12 ENTREVISTAS

A metodologia para resumir e identificar as principais ideias defendidas pelos entrevistados foi a adoção de **quatro categorias** que determinaram a condução das conversas e assim identificar pontos comuns e propostas nos discursos, amplitudes nas posições dos diferentes convidados e diferentes abordagens do repertório proposto.



Todos os resumos das entrevistas são precedidos pelo link para a entrevista completa original, pela apresentação objetiva de cada convidado e por uma matéria jornalística com os pontos destacados na oportunidade.



18 JAN

CIRO GOMES



25 JAN

JOSÉ DIRCEU



01 FEV

FLÁVIO DINO



05 FEV

ROBERTO REQUIÃO



08 FEV

GUILHERME BOULOS



12 FEV

BENEDITA DA SILVA



20 FEV

ALOIZIO MERCADANTE



15 FEV

CARLOS SIQUEIRA



08 MAR

CELSO AMORIM



01 MAR

MANUELA D'ÁVILA



12 MAR

MARINA SILVA



15 MAR

FERNANDO HADDAD





MANCHETES

CIRO GOMES

***Temos que nos coesionar
e fazer o movimento
“Fora Bolsonaro”
duramente.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSo9GMoZh/>



JOSÉ DIRCEU

***Unificação da frente
tem que ser
de baixo pra cima.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSqJ-OFj-/>



FLÁVIO DINO

***É preciso humildade e
olhar perspectivo
para construção
de uma frente.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSstGhPw/>



ROBERTO REQUIÃO

***Defende unidade
na eleição
e Governo de Transição.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSuzMfR9x/>



GUILHERME BOULOS

***Alerta que a frente
tem batalhas
para travar
em 2021.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSvDU2X7n/>



BENEDITA DA SILVA

***Ou nos unimos,
ou vamos
pro buraco.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSxx5GL6C/>



ALOIZIO MERCADANTE

***Alerta que frente
tem desafios social,
econômico e político.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSzDcHcJB/>



CARLOS SIQUEIRA

***O combate ao fascismo
é prioridade
da frente.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSAQ13fPi/>



CELSON AMORIM

***Retomada do Brasil
passa pela integração
com a América Latina.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSCucxt7J/>



MANUELA D'ÁVILA

***É inaceitável imaginar
que a unidade
não se concretize.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSDYLZMHD/>



MARINA SILVA

***É preciso democratizar
a Democracia
para construir
a unidade.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSG7HQgUI/>



FERNANDO HADDAD

***Propõe pacto
para derrubar
Bolsonaro.***

CLIQUE AQUI PARA A ENTREVISTA

OU, ACESSE NESTE ENDEREÇO:
<https://fb.watch/4kSHTpkprP/>



The background is a light gray color. It features several thin, orange lines that create a series of connected triangles and polygons. There are three solid diamonds: one orange diamond in the upper left, and two dark gray diamonds, one in the upper right and one in the lower left. The word "APRESENTAÇÕES" is centered in a bold, black, sans-serif font.

APRESENTAÇÕES



CIRO GOMES

CIRO FERREIRA GOMES

Advogado e professor universitário, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), do qual é vice-presidente.

Em mais de três décadas de vida pública, foi deputado estadual por duas legislaturas no Ceará, prefeito de Fortaleza, governador do Ceará, ministro da Fazenda do Governo Itamar Franco durante a implantação do Plano Real e ministro da Integração Nacional durante o projeto de transposição do rio São Francisco no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Seu último mandato político foi o de Deputado Federal entre 2007 e 2011.





JOSÉ DIRCEU

JOSE DIRCEU DE OLIVEIRA E SILVA

Advogado, por três vezes presidente nacional do PT, foi deputado estadual e federal pelo estado de São Paulo e ministro-chefe da Casa Civil durante o governo Lula.





FLÁVIO DINO

FLÁVIO DINO DE CASTRO E COSTA

Primeiro governador da história do PC do B no Brasil. Nascido em São Luís, Dino é advogado, professor e ex-juiz federal. Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuou no movimento estudantil e, depois, assessorou sindicatos de trabalhadores. Em 1994, foi aprovado em primeiro lugar no concurso público para juiz federal, cargo que exerceu por até 2006, quando deixou a carreira para entrar na política.





ROBERTO REQUIÃO

ROBERTO REQUIÃO DE MELLO E SILVA

Advogado, jornalista, urbanista, deputado, prefeito de Curitiba, Governador do Paraná por três vezes e Senador, expressão histórica e à esquerda do MDB.





GUILHERME BOULOS

GUILHERME CASTRO BOULOS

Professor, coordenador do MTST e da Frente Povo sem Medo. Foi candidato do PSOL à prefeitura de São Paulo, é bacharel em filosofia, psicanalista, ativista, sendo reconhecido como uma das principais lideranças da esquerda no Brasil.





BENEDITA DA SILVA

BENEDITA SOUSA DA SILVA SAMPAIO

Graduada em Assistência Social e Estudos Sociais. Fundadora do PT.

Vereadora, Deputada Federal, Senadora, Vice-governadora, Governadora do RJ, Ministra de Desenvolvimento Social do primeiro Governo de Lula, e Secretária estadual de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro.





ALOIZIO MERCADANTE

ALOIZIO MERCADANTE OLIVA

Paulista de Santos, economista e militante histórico do PT, já ocupou a vice-presidência do partido, foi senador pelo estado de São Paulo, Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil, e Ministro da Educação por duas vezes, além de ministro da Casa Civil.





CARLOS SIQUEIRA

CARLOS ROBERTO SIQUEIRA DE BARROS

Advogado, militou na defesa dos direitos humanos por intermédio do gabinete de assessoria jurídica às organizações populares e da Ordem dos Advogados do Brasil em Pernambuco. É presidente nacional do PSB.





CELSO AMORIM

CELSO LUIZ NUNES AMORIM

Diplomata brasileiro, ex-ministro da Defesa (2011 a 2015) e ministro das Relações Exteriores do Brasil por duas vezes (de 2003 a 2010). Atualmente é filiado ao Partido dos Trabalhadores. Formou-se pelo Instituto Rio Branco em 1965, obtendo título de pós-graduação em Relações Internacionais pela Academia Diplomática de Viena, na Áustria, em 1967.





MANUELA D'ÁVILA

MANUELA PINTO VIEIRA D'ÁVILA

Jornalista, escritora, liderança comunista, feminista e antifascista, indispensável na defesa democrática. Vereadora aos 22 anos, com 14 anos de mandatos parlamentares pelo PCdoB, candidata à vice presidência na chapa do Haddad em 2018 e à prefeitura de Porto Alegre em 2020.





MARINA SILVA

MARIA OSMARINA DA SILVA VAZ DE LIMA

Liderança reconhecida no Brasil e no mundo com mais de três décadas de vida pública em defesa da vida, da proteção da Amazônia, da valorização dos recursos naturais e do desenvolvimento sustentável. Um reconhecimento construído na atuação em movimentos sociais e sindicais, em mandatos de vereadora, deputada estadual, senadora e ministra do meio ambiente, entre janeiro de 2003 e maio de 2008.





FERNANDO HADDAD

FERNANDO HADDAD

Professor universitário, autor de cinco livros, Bacharel em Direito com especialização na área cível, Mestre em Economia e Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), onde também lecionou a disciplina teoria política contemporânea. Foi ministro da educação entre 2005 e 2012, quando licenciou-se para disputar a prefeitura de São Paulo e logo governar a maior cidade da América Latina. Filiado ao PT desde os 20 anos, foi também candidato petista à Presidência da República em 2018, conquistando 47 milhões de votos no segundo turno.



The background is a light gray color. It features several thin, orange lines that form a series of connected zig-zag or chevron patterns. There are three solid-colored diamonds: one orange diamond on the left side, and two dark gray diamonds, one in the top right and one in the bottom left. The word 'MATÉRIAS' is centered in the upper half of the image.

MATÉRIAS

CIRO GOMES

Temos que nos coesionar e fazer o movimento Fora Bolsonaro duramente.

O advogado Wilson Ramos Filho, o Xixo, pediu para que **Ciro fosse** e foi atendido. Na conversa de mais de uma hora, promovida pelo Instituto Novos Paradigmas, o presidenciável do PDT não abriu mão do tom enfático de suas intervenções e também não deixou de fazer as críticas que entendia como necessárias. Porém, principalmente no diálogo com o seu ex-colega de ministério no Governo Lula, Tarso Genro, **Ciro Gomes** reafirmou a disposição para estabelecer uma frente democrática contra o Bolsonarismo.

Temos que nos coesionar e fazer o movimento fora Bolsonaro duramente. Mas precisamos ter o cuidado também de oferecer alternativas contemporâneas ao bolsonarismo. Por isso eu fico assumindo desgastes e fazendo comentários apontando alternativas, como a de passar o pente fino em R\$ 300 bilhões de renúncias fiscais. Precisamos colocar um projeto nacional de desenvolvimento em debate.

O ex-ministro também comentou sobre a recente conversa de mais de quatro horas que teve com Lula, a quem se referiu como **“um velho camarada de longa data”**. **Ciro** disse que vai continuar respondendo aos ataques que sofre de apoiadores do ex-presidente em função das divergências que tiveram na eleição de 2018. **“Lula é muito mais generoso e bondoso do que a burocracia do PT, que me ataca por pragmatismo”**.

Mesmo com as tensões, **Ciro** concordou com os movimentos de frente democrática e indicou Tarso Genro como interlocutor: **“qualquer atividade que o Tarso organizar, ele me avisa o dia e a hora que eu desmarco qualquer compromisso para participar e colaborar”**. Mesmo com a consideração ao ex-governador do Rio Grande do Sul, **Ciro** fez a ponderação de que o Brasil não cabe na esquerda. Segundo ele, ao falar em frente de esquerda o debate nacional será distorcido e tudo ficará compreendido como um novo movimento **“lulopetista”**. **“É tudo o que o Bolsonaro quer para 2022”**.

Ciro Gomes encerrou sua participação comentando a postura de Donald Trump ao contestar o resultado das eleições americanas e estimular atos antidemocráticos. **“Se Bolsonaro tentar o golpe aqui, nós daremos a ele o destino que teve Mussolini”**.

A entrevista com **Ciro** Gomes abriu o projeto República e Democracia, que ao longo dos próximos meses vai ouvir diversas personalidades políticas para tratar da organização da frente contra o bolsonarismo. Além dos advogados Tarso Genro e Wilson Ramos Filho, o projeto conta com a participação da jornalista e pesquisadora Sandra Bitencourt.

Em menos de **24 HORAS**

CIRO GOMES

em sua live atingiu, pelo menos,

250 MIL PESSOAS

Para assistir na íntegra a entrevista com **Ciro** Gomes, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=262235121993678&id=110293499400894&sfnsn=mo



JOSÉ DIRCEU

A unificação da frente tem que ser de baixo pra cima

“Nós continuamos analógicos, enquanto a disputa cultural se dá nas redes. Foi assim que se criou no país uma base popular conservadora”. A frase acima foi uma das reflexões feitas pelo ex-ministro-chefe da Casa Civil durante a conversa com Tarso Genro, Sandra Bitencourt e Artur Scavone. José Dirceu ponderou que suas opiniões não deveriam ser levadas pelas atuais lideranças políticas como críticas, mesmo que em alguns momentos fosse difícil evitar essa conclusão. O diálogo foi o segundo do projeto “República e Democracia: o futuro não espera”, promovido pelo Instituto Novos Paradigmas e pelo Declatra.

Dirceu aprofundou a análise do tema principal que é a construção de uma frente democrática contra o Bolsonarismo e já projetando a eleição de 2022. **“Sou otimista, mas precisamos mudar. Não podemos repetir o modo de tentar fazer unidade e frente. Precisamos, pela primeira vez, levar essas discussões para os bairros, para as fábricas, para as escolas, para os sindicatos, para os movimentos sociais e para a academia. Vamos criar de baixo pra cima esse movimento de unificação para disputar a eleição”.**

Sobre a questão das redes sociais, o ex-ministro citou como exemplo o próprio PT, que tem milhões de filiados, mas não tem instrumentos para consultar essas pessoas. Depois de abordar a forma da construção da frente, José Dirceu também sugeriu as diretrizes de um programa a partir de uma reformulação dos partidos.

Assim como havia feito Ciro Gomes na semana passada, José Dirceu também se colocou à disposição para participar de ações semelhantes

Nós precisamos unificar as forças políticas para atacar o problema grave do Brasil que é a concentração de renda, riqueza e propriedade e propor uma reforma do sistema financeiro/bancário, além de uma reforma tributária. Claro, sem esquecer de uma reforma da Democracia e da Política. Precisamos formar uma consciência social sobre esse programa.

ao República e Democracia e concordou com a tese do presidenciável que é preciso ampliar e conversar com as forças democráticas de centro-direita, buscando as convergências. Porém, ao final, também colocou como debate futuro a importância de propor uma nova utopia: **“Nós estamos devendo também um debate sobre essa nova economia e mundo do trabalho. Para além de derrotar o neoliberalismo, nós precisamos também questionar o capitalismo, da forma como ele está constituído e organizado hoje e propor uma nova utopia. Defesa da liberdade como direito fundamental da Democracia, que a soberania e a independência também são fundamentais, que a distribuição de renda e o fim da miséria”.**

Para assistir na íntegra a entrevista com José Dirceu, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://fb.watch/3g4LRvo99I/>



FLÁVIO DINO

É preciso humildade e olhar perspectivo para construção de uma frente.

A ideia do projeto República e Democracia de buscar consensos para a construção de uma frente parece ser cada vez mais viável. Na terceira entrevista da série, o governador do Maranhão Flávio Dino fez apontamentos que estavam presentes nas entrevistas anteriores com Ciro Gomes e José Dirceu. O mais importante deles é sobre o tamanho da possível frente e a convicção de que ela não se resume aos partidos de esquerda. **“Não haverá construção da unidade se nós não soubermos hierarquizar e distinguir as diferenças pontuais e acessórias. Quanto mais nós estreitarmos, pior fica. Nós precisamos ampliar e perseverar neste caminho, encontrando as bandeiras corretas e tendo a humildade de reconhecer que não temos o monopólio da verdade”.**

Temos que adotar um olhar mais perspectivo e menos retrospectivo. Claro que o passado nos ensina, mas disputar as análises sobre o que se passou apenas acirra divergências. É fundamental olhar mais para frente do que para trás. Precisamos ainda ter uma metodologia da unidade, estabelecendo um programa mínimo com pontos programáticos capazes de nos unir.

Dino, reconhecido como um gestor público metódico e eficiente, avançou nas premissas para a formação da frente (imagem ao lado).

A reformulação dos partidos foi outro ponto citado pelo governador do Maranhão como importantes para que a frente não seja apenas partidária, mas sim uma composição com o povo. Em um tom humorado, Dino afirmou que até Marx haveria de concordar que a foice e o martelo, símbolos presentes na bandeira do seu partido, não representam mais a realidade do trabalhador atual, já que no novo mundo do trabalho os trabalhadores “precarizados” nem acesso às ferramentas possuem.

Vivendo o drama diário de ser o mandatário de um estado em época de pandemia, Dino apontou o enfrentamento as atuais crises sanitária e econômica como o desafio imediato do campo progressista. Ressaltou ainda, que a Constituição oferece os instrumentos para financiar o Estado e garantir, por exemplo, a manutenção do auxílio emergencial. **“A constituição prevê, por exemplo, tributos emergenciais em situações de calamidade pública. É hora de estabelecermos um empréstimo compulsório sobre os bancos e grandes fortunas. Repito, isso está na Constituição, não é nenhuma tese revolucionária. Quem tem patrimônio superior a R\$ 100 milhões vai contribuir para a criação de um fundo e mais adiante vai receber o valor de volta. Esse fundo seria o fundo de salvação da vida, já que há milhões de pessoas no Brasil sem comer. Assim como a taxação das grandes fortunas. Aliás, vale lembrar que a taxação das fortunas também não é uma bandeira da esquerda, é uma bandeira do país prevista na Constituição”.**

Para assistir na íntegra a entrevista com Flávio Dino, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

<https://fb.watch/3pVSSCCQtg/>

ROBERTO REQUIÃO

Defende unidade na eleição e Governo de Transição.

Com uma auto declaração de otimista incorrigível, Roberto Requião defendeu que a frente democrática que está sendo discutida entre os partidos de esquerda deveria apresentar apenas uma candidatura na eleição de 2022. O ex-senador do MDB reconhece a dificuldade, mas ressalta que os líderes partidários precisam trabalhar com esta perspectiva. **"Mais que possível, a unidade é necessária. A frente precisa ser uma frente da sociedade civil. O mais importante é termos um programa de transição, que contemple os interesses da população. E os interesses da população passam muito claramente pelo resgate da soberania, pela recuperação de empresas públicas fundamentais para o desenvolvimento do Brasil, pelo reestabelecimento da democracia e pela valorização do trabalho".**

Requião avalia que a crise nacional e o surgimento do Bolsonarismo têm molduras globalizadas. Segundo ele, o capital impõe medidas baseadas no tripé da precarização do Estado, com a volta do domínio absoluto do poder econômico, a precarização do parlamento e das atividades políticas e a precarização do trabalho.

Para o ex-senador, o Brasil corre o risco de ver Bolsonaro ser reeleito, já que ele acredita na existência de um projeto sólido que o sustenta. Como exemplo, Requião citou a proposta que está sendo elaborada de dar ainda mais autonomia ao Banco Central.

Nós precisamos de uma proposta que não seja extremada na covardia, que se transforme em uma frente ampla acordada com operadores das bolsas e do mercado financeiro, acordada com os bancos, com as redes de televisão, totalmente subordinadas aos interesses da concentração de riqueza no Brasil e no mundo. Mas precisamos de uma frente que não vá ao extremo temerário de propor questões que não teriam sustentação eleitoral

Para assistir na íntegra a entrevista com Roberto Requião, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://fb.watch/4kSuzMfR9x/>



GUILHERME BOULOS

Boulos alerta que frente tem batalhas para travar em 2021.

Até agora, todos os participantes do projeto República e Democracia concordaram que é preciso estruturar a frente para a eleição de 2022 desde já. Porém, Guilherme Boulos ponderou que ainda há disputas essenciais para serem travadas neste ano: **“nós temos que travar a batalha da vacina, a batalha do auxílio emergencial e a batalha do impeachment. E elas se tornam mais complexas em um cenário onde não podemos ocupar as ruas”**.

Boulos também admitiu que o cenário para afastamento de Bolsonaro ficou ainda mais complicado após a nova composição da mesa diretora da Câmara dos Deputados.

A postura do ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia também é um sinal de alerta de até onde a centro direita pode ir em defesa da democracia, segundo Boulos. Para ele, se a frente não fizer uma leitura adequada, pode ver boa parte dos partidos democráticos apoiando Bolsonaro em um segundo turno, em uma reedição da **“escolha difícil”**.

Para construir um projeto consistente, Boulos defende que os partidos precisam estar capilarizados nas estruturas sociais. Na campanha para a prefeitura de São Paulo, por exemplo, ele obteve 65% dos votos da juventude. Um claro sinal de que há perspectivas para as próximas eleições. **“A esquerda pode apresentar um projeto competitivo para o país, mas é fundamental reconectar com o povo. Precisa ser capaz de verbalizar respostas efetivas às demandas da população”**.

Por fim, Guilherme Boulos comentou a decisão do PT de confirmar a candidatura de Fernando Haddad à presidência da República. Boulos reconheceu a legitimidade da ação e ressaltou as qualidades de Haddad, que considera um amigo. Porém, Boulos faz a ressalva que para viabilizar a frente é preciso sinalizar a intenção permanentemente. **“Sem gestos e sem disposição para a construção de uma unidade da esquerda, a batalha fica ainda mais dura”**.

Eu acredito na viabilidade eleitoral de um projeto de esquerda. Evidente que esse projeto precisa buscar apoio social em setores de centro. A esquerda não pode ter a prepotência de achar que sozinha ela consegue resolver todos os problemas do mundo.

Para assistir na íntegra a entrevista com Guilherme Boulos, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://fb.watch/3yflbRQYuk/>



BENEDITA DA SILVA

Ou nos unimos, ou vamos pro buraco.

Depois de cinco entrevistas esclarecedoras e propositivas, a deputada federal Benedita da Silva agregou um item que ainda não havia aparecido no projeto República e Democracia: a emoção. Na conversa com o ex-colega de ministério Tarso Genro, com a jornalista Sandra Bitencourt e o sociólogo Jorge Branco, diretores do Instituto Novos Paradigmas, Benê mostrou indignação com o atual momento vivido do país, mas sem perder as esperanças. A deputada lembrou os avanços obtidos na questão da igualdade racial no Governo Lula, como

Se o povo estivesse organizado e consciente dos seus direitos, ele não estaria na inércia. Não adianta eu fazer um belo discurso e não ter uma palavra adequada para me conectar com aquilo que a pessoa está esperando. A unidade precisa fazer escuta com o povo, utilizando inclusive as novas ferramentas de escuta que surgiram antes e durante a pandemia.

a política de cotas e a criação do Prouni, e estabeleceu uma relação com o momento atual de precarização do trabalho e das oportunidades. **“A Democracia no Brasil só será plena com soberania e sem racismo. A crise atual tem cor, tem classe e tem gênero. A precarização das relações de trabalho é uma realidade de grande parcela da população e é cada vez mais recorrente a prática de trabalhadores em situações análogas à escravidão”.**

Benedita considera fundamental que os partidos de esquerda e centro-esquerda se unam em torno de uma nova proposta para superar a situação que o país enfrenta. **“Estamos com os mais altos índices de desigualdade no país. Então, é preciso que a gente tenha um programa comum de fortalecimento do Estado para estimular a economia a garantir o estado de bem estar social ao nosso povo”.**

Segundo a deputada do PT do Rio de Janeiro, a unidade precisa estar permanentemente na pauta. **“Ou nos unimos, ou vamos para o buraco. E se formos para o buraco, infelizmente não vamos sozinho, vamos arrastar uma grande massa junto conosco”.** Para construir a frente e mobilizar a população, Benedita afirma que é fundamental utilizar uma linguagem mais próxima ao cotidiano das pessoas.

Para assistir na íntegra a entrevista com Benedita da Silva, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

<https://www.youtube.com/watch?v=4--2-6y0aVM&t=2791s>



ALOIZIO MERCADANTE

Mercadante alerta que frente tem desafios social, econômico e político.

O slogan do projeto República e Democracia diz que o futuro não espera. E parece que este é o maior consenso entre os entrevistados do projeto até agora. Com o ex-ministro Aloizio Mercadante não foi diferente. Segundo ele, só será possível a construção de uma grande frente eleitora se desafios concretos forem enfrentados imediatamente. Na conversa com Tarso Genro, Sandra Bitencourt e o deputado Paulo Pimenta, Mercadante apontou preocupações sociais, econômicas e políticas.

Como economista, o ex-ministro ressaltou que o Brasil só saía da crise com medidas concretas para geração de um novo ciclo de desenvolvimento. **"O país não saía da crise com medidas neoliberais e com a ortodoxia fiscal. Não há como superar esse cenário dentro do engessamento imposto pelo teto de gastos. Precisamos, por exemplo, recuperar uma estratégia de estímulo para micro e pequenas empresas. Mais de 800 mil quebraram na pandemia sem qualquer ação do Governo Federal"**.

Como desafio na área social, Mercadante defendeu que os partidos democráticos precisam trabalhar urgentemente pelo reestabelecimento do auxílio emergencial e na atualização do Bolsa Família, sob o risco de o país observar o crescimento estrondoso da fome e registrar cenas de violência e saques. Porém, para Mercadante a maior tarefa é política. E não apenas no âmbito interno.

O Brasil cometeu erros estratégicos nas Relações Internacionais, principalmente na questão do Brics. China, Rússia e Índia estão entre os maiores produtores de vacinas e a relação do Brasil com esses países piorou. Rússia, Índia, China e África do Sul sempre foram nossos parceiros estratégicos. Bolsonaro praticamente inviabilizou essas relações. Um governo que ataca a China, que não apoiou a Índia na OMS em relação a quebra das patentes das vacinas e fez uma aliança com a extrema direita americana do Trump".

Em âmbito interno, Mercadante ressaltou que o cenário exige uma ampla aliança em defesa do Estado Democrático de Direito. **"Bolsonaro já está contestando o resultado das urnas. Paralelamente, está armando e legalizando as milícias com a liberação de armamento pesado. É um processo de militarização da sua base. Isso faz parte de uma estratégia mais ampla, já que ele tem feito visitas recorrentes aos batalhões de polícias militares no Brasil inteiro para ampliar sua sustentação. Sem contar os mais de 11 mil militares que integram o governo"**.

Para assistir na íntegra a entrevista com Aloizio Mercadante, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://fb.watch/3RoQXKe-6B/>



CARLOS SIQUEIRA (PSB)

Coloca o combate ao fascismo como prioridade da frente.

A decisão da Câmara dos Deputados de manter preso o deputado bolsonarista Daniel Silveira (PSL) sinalizou que a luta contra o fascismo é viável, além de absolutamente necessária. Este foi um dos temas que fizeram parte da entrevista que Tarso Genro, Sandra Bitencourt e o deputado Paulo Teixeira fizeram com o presidente do PSB Carlos Siqueira. Com a participação do socialista, o projeto República e Democracia já recebeu dirigentes de seis partidos nos nove encontros realizados até aqui (PDT, PCdoB, PT, MDB, Psol e PSB). Rui Pimenta do PCO e Marina Silva da Rede Sustentabilidade estão entre os futuros convidados que vão ajudar a ampliar o leque de partidos no projeto.

E foi justamente a atuação dos partidos um tema importante da abordagem de Siqueira. Seguindo o que foi dito até aqui pelos outros entrevistados, a consolidação de uma frente política democrática precisa enfrentar desafios imediatos antes de projetar a disputa eleitoral de 2022. Para o presidente do PSB, o desafio imediato é barrar o fascismo.

Siqueira citou que o PV deva ser um dos partidos procurados para compor a frente. Mas mesmo ampliando as relações partidárias, o presidente do PSB defende que os partidos façam uma análise prévia e revisem alguns pon-

tos programáticos. **“Nós queremos mudar. E a primeira mudança tem que acontecer com os nossos partidos para, em seguida, reformarmos o sistema político brasileiro. Precisamos de partidos mais sólidos, mais programáticos, que formulem novas políticas no plano econômico, social, ambiental, em todos os planos”.**

Precisamos evitar que o fascismo continue a prosperar no país. Nós vivemos um retrocesso monumental. A contradição que vivemos hoje não é entre esquerda e direita. A contradição principal dos dias atuais é entre Democracia e autoritarismo. Todos que defendem a Democracia devem ser nossos aliados.

Para assistir na íntegra a entrevista com Carlos Siqueira, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://fb.watch/3RDzTgsZgo/>



CELSO AMORIM

A retomada do Brasil passa pela integração com a América Latina.

A forma de enfrentar a pandemia do coronavírus é indiscutivelmente o maior fracasso do Governo Bolsonaro. Porém, é difícil estabelecer qual o tema entraria em segundo lugar na lista de melhores exemplos da incompetência e irresponsabilidade. Certamente a política externa, junto com economia, meio ambiente e educação estaria no topo em quase todas as análises. As relações internacionais foram o tema da edição do República e Democracia com Celso Amorim, ex-ministro do Itamaraty no Governo Lula.

Na conversa com Tarso Genro, Sandra Bitencourt e Pedro Abramovay, Amorim apontou os equívocos cometidos pelo governo até aqui. O mais grave, segundo o diplomata, foi a negligência com o BRICS, bloco conjunto com Rússia, Índia, China e África do Sul. Uma das consequências concretas desta desvalorização das relações com o bloco foi a ausência de prioridade, por exemplo, na negociação de vacinas contra a Covid-19, já que Rússia, Índia e China estão entre os maiores produtores.

No entanto, para Celso Amorim o foco para o período pós-Bolsonaro deve ser a América Latina: **"tem coisas importantes acontecendo no mundo. México e Argentina acabaram de estabelecer uma aliança progressista que pode ser um modelo depois que tivermos um Brasil normalizado. Precisamos reestabelecer os parâmetros de solidariedade e integração da América Latina e trabalhar a multipolaridade com olhar especial para o Brics. Mas no Brasil atual, bastaria ter uma política de relações internacionais normal. Já seria um grande avanço pois o que é praticado hoje pelo governo brasileiro é uma antidiplomacia"**.

Amorim aponta como principal ponto de preocupação no Brasil o papel das Forças Armadas.

Temos que continuar olhando os Estados Unidos com muita atenção e apostar no bom senso do presidente Joe Biden.

Essa coisa de dizer que é tudo igual, tudo é imperialismo é um erro. Em política externa nuance conta muito, nuance pode representar milhares de vidas.

Nuance, por exemplo, pode resultar em uma invasão na Venezuela ou impedir que bens essenciais cheguem a Cuba.

Para o ex-ministro, os democratas precisam estar alertas a um possível processo de enfraquecimento das instituições militares através da liberação do armamento, que resultará em mais facilidade de organização das milícias. O episódio no Capitólio, quando apoiadores do presidente Donald Trump invadiram a sede do parlamento americano para contestar o resultado da eleição, representou a contestação das instituições que pode ser reproduzido no Brasil, segundo Celso Amorim. **"Não compreendo como as Forças Armadas aceitam observar as milícias se armando livremente, com orientação do Governo. Um dos pilares do Estado é o monopólio da violência legítima. Se algo parecido com o que aconteceu no Capitólio acontecer no Brasil, quem vai nos proteger? Isso é muito grave!"**

Para assistir na íntegra a entrevista com Celso Amorim, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:
<https://youtu.be/KKkuZqT7PN0>

MANUELA D'ÁVILA

É inaceitável imaginar que a unidade não se concretize.

Atitudes concretas adotadas recentemente colocaram Manuela D'Ávila como uma das lideranças políticas com maior legitimidade para falar em composição de alianças e diálogo entre partidos. Nas duas últimas eleições, a jornalista e ex-deputada adotou posturas que possibilitaram bons desempenhos eleitorais para os partidos de esquerda. Em 2018, Manuela e o PCdoB abriram mão da candidatura à presidência da República para compor a chapa de Fernando Haddad. Já em 2020, na disputa à prefeitura de Porto Alegre, Manuela exerceu o papel de liderança que a colocou em condições reais de vitória, inclusive contando com apoio do PDT. A disseminação de fakenews é que desequilibrou

a disputa. Assim como os demais participantes do projeto República e Democracia, Manuela ressalta que a construção da unidade não pode ser adiada para 2022.

Manuela manifestou preocupação com a construção do caminho para a consolidação da unidade: **“carrego essa angústia comigo. Precisamos definir os desdobramentos do que falamos. Não podemos aceitar que a unidade política esteja cada vez mais distante. E essa unidade, agora, não deve estar restrita às questões eleitorais. Não podemos permitir que a nossa unidade para salvar o Brasil, o que ainda resta do Estado, que essa unidade não se concretize. É a nossa responsabilidade política”**.

Para Manuela a unidade tem dois objetivos diferentes. O primeiro objetivo é a defesa da Democracia e da Ciência para superar a pandemia. Depois disso é que os partidos podem projetar as questões eleitorais. **“Interromper o Governo Bolsonaro é a prioridade número um. A unidade se constrói na defesa da vacina e renda emergencial”**.

Segundo ela, há outros desafios no caminho. Um deles é iniciar um processo de organização nas redes. Desde sua primeira eleição para Câmara de Vereadores em 2004, Manuela utilizou os meios digitais como ferramenta para estreitar relações com os eleitores. **“As nossas bases, atualmente, parecem ter mais essa consciência que as nossas direções. Escutá-las permanentemente é fundamental e necessário”**.

Nós estamos diante de um governo descomprometido com a Democracia e que permanentemente atua para fragilizar às instituições da República.

Em qualquer área que fizermos a análise, o governo Bolsonaro terá uma ação que contribua com o genocídio do nosso povo.

Para assistir na íntegra a entrevista com Manuela D'Ávila, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fm2ECdXDPK8>



MARINA SILVA

É preciso democratizar a Democracia para construir a unidade.

“A eleição de 2022 tem que ser vista como a linha de chegada. Mas não chegaremos ao final se não tivermos uma boa linha de partida. É preciso construir um grande programa de governo. Os partidos precisam ocupar a cena pública apresentando uma agenda. Uma agenda que contemple a defesa da democracia, o combate às desigualdades, a promoção de uma educação pública que estabeleça oportunidades igualitárias e a preservação do meio-ambiente”. Assim Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente e candidata à presidência da República pela Rede Sustentabilidade nas últimas eleições, resumiu quais devem ser as premissas para a construção de uma frente.

Porém, na live do projeto República e Democracia, Marina disse é preciso que os partidos políticos façam reflexões internas. **“Para construirmos a unidade é preciso, previamente, um olhar para dentro de nós. Os partidos democráticos se perderam no caminho, por uma lógica da disputa de poder pelo poder, que refletiu em uma grande decepção da sociedade brasileira. E esses problemas precisam ser reconhecidos”.** Segundo a ex-ministra, os três maiores partidos da redemocratização deram uma importante contribuição, o PSDB na estabilidade econômica, o PMDB na estabilidade política e o PT na luta contra às desigualdades sociais.

Os partidos políticos precisam se atualizar diante do contexto que está posto. As pessoas não querem mais ficar apenas na condição de espectadores da política.

Há uma grande demanda da sociedade para que ela cumpra o seu papel nos processos de decisão, não apenas para legitimar aquilo que os políticos estão dizendo.

Para isso, é preciso democratizar a democracia.

Agora, os desafios são muito mais complexos em função do espírito autoritário do Governo e da devastação promovida por Bolsonaro não apenas na área ambiental. Para voltar a conectar as lideranças progressistas com a grande maioria da população, Marina acredita que é necessário escutar a sociedade.

Para assistir na íntegra a entrevista com Marina Silva, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

https://www.youtube.com/watch?v=2FE6eMu9I_U



FERNANDO HADDAD

Haddad propõe pacto para derrotar Bolsonaro .

A série de entrevistas promovida no projeto República e Democracia concluiu seu primeiro ciclo com a participação de Fernando Haddad. Como sempre faz ao encontrar Tarso Genro em atividades presenciais e virtuais, o presidenciável lembrou a parceria que construíram no Ministério da Educação no Governo Lula e a revolução que promoveram através de iniciativas inovadoras, como a expansão das universidades, a criação do Prouni, o estabelecimento das cotas, entre outras medidas. **“Não existe projeto de nação que não conte com o pobre na Universidade. Não existe isso na história da humanidade, e não existirá. Um projeto de nação se forja quando as camadas depauperadas ascendem aos níveis mais elevados de educação. Aos pessimistas, eu digo: o que plantamos no começo do século, vamos colher por décadas logo ali na frente”**.

Sobre a possibilidade de criação de uma ampla frente progressista, Haddad citou duas questões práticas que tendem a gerar um grande número de candidaturas no ano que vem. Segundo o ex-ministro, a cláusula de barreira e o impedimento das coligações proporcionais farão com que os partidos busquem o protagonismo na disputa eleitoral para sobreviverem. **“Essas questões não podem ser mais importantes que o esforço de compormos uma chapa forte do campo progressista, o mais amplo que puder ser, já no primeiro turno, pavimentado um acordo democrático ainda mais amplo no segundo turno derrotarmos o fascismo”**.

Ainda sobre estratégia eleitoral, Haddad propôs o estabelecimento de um pacto entre as candidaturas de oposição a Bolsonaro, com a participação da centro-direita. **“Nós temos que arrancar um compromisso de todo mundo de que quem for ao segundo turno vai receber o entusiasmo dos demais. A oposição ao Bolsonaro vai**

ter mais de um candidato. É preciso estabelecer um pacto entre os candidatos de quem for ao segundo turno tem que derrotar Bolsonaro”. Para a superação do caos imposto pelo desastroso governo, o ex-ministro defendeu a aplicação de medidas estruturais.

Outra necessidade para Haddad é radicalizar a integração do Brasil com outros países para **“fazer ainda mais que Lula e Celso Amorim fizeram”**. **“A globalização nos apresentou desafios importantes, que não podem ser superados com as fórmulas adotadas ao longo do século vinte. Portanto, o nosso desafio é formular um programa absolutamente atualizado. Um programa de superação da crise da globalização e do neoliberalismo. Para isso, nós precisaremos ter ousadia porque o quadro atual é literalmente fúnebre. Pinçeladas não vão resolver os desafios que são estruturais, não apenas do Brasil”**.

Um novo projeto nacional terá que contar com medidas estruturais. Um deles é a reforma bancária. O Brasil não tem sistema de crédito e sem ele não há desenvolvimento. Quando a pessoa vai ao banco no Brasil é porque ela está lascada. Não é porque teve uma boa ideia e quer financiar essa ideia. Mudar o sistema tributário do país. Sabemos que a carga tributária está desequilibrada. Quanto mais pobre, mais imposto se paga.

Para assistir na íntegra a entrevista com Fernando Haddad, é só clicar aqui.

Ou, acessar este link:

<https://www.youtube.com/watch?v=0sBLdq4Yjkc>





ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM



CIRO GOMES

Live número 1, do projeto República e Democracia, realizada no dia 18 de janeiro. Estavam presentes: a Jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; o Professor Wilson Ramos Filho (DECLRATA); o Ex-Ministro e Ex-Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o Ex- Governador e Ex-Ministro Ciro Gomes.

DESTAQUES INICIAIS

- Faltam à política brasileira métodos de diálogo e diagnóstico das questões nacionais.
- A Democracia Representativa está em xeque no mundo todo.
- A Esquerda na Europa Ocidental se ocupou em mitigar os efeitos do neoliberalismo, após o fim da União Soviética.
- Esquerda Europeia teve que aceitar o neoliberalismo por dois motivos principais:
 1. Emergência da indústria asiática, sem o custo fiscal do Welfare State.
 2. A experiência do Estado de Bem-Estar Social criou experiências de equidade nunca antes experimentadas pela humanidade.
- O conceito de “felicidade” mudou nesses últimos 30 anos, agora atrelado ao padrão de consumo, Mujica foi o único a denunciar essa tendência sistematicamente.
- A experiência dos governos petistas no Brasil aconteceu sem os fatores da Europa, sem base produtiva sofisticada nem welfare state.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia; A reeleição, na prática é um mandato de 8 anos com um plebiscito revogatório no meio.

O Brasil não cabe na esquerda, porque foi muito demonizada e associada ao lulopetismo.

Precisamos ter coragem de assumir compromissos comuns com o Brasil, em torno do combate ao neoliberalismo e ao negacionismo.

O critério do Fundo Eleitoral, do tempo de TV e Rádio, no Brasil, é o número de deputados federais, por partido, isso cria anomalias como o PSL ter o mesmo número de cadeiras que o PT, e com isso conseguir mais tempo e verba na próxima eleição.

- A principal razão dos ataques entre a esquerda e sua subsequente desunião é o pragmatismo eleitoral, que nos faz combater quem se encontra no mesmo campo, por protagonismo.
- A maior urgência é a defesa do patrimônio nacional, e as empresas estatais.



- A esquerda não pode aceitar o caminho fácil do negacionismo, nem todo Fora Bolsonaro é compatível com nossas ideias (Moro, Huck, Dória, Globo).
- O anti-bolsonarismo precisa ser condicionado à defesa da soberania e ao combate ao neoliberalismo.
- É importante colocar força na vacinação e no Impeachment para dar perspectiva de futuro ao povo brasileiro.
- Precisamos oferecer alternativas viáveis ao Bolsonarismo.
- “Não sou um neutro observador da cena brasileira”. Busca humilde de reconciliação com o povo brasileiro.
- Chamar o povo para aceitar a participação no aspecto plebiscitário do presidencialismo e não aceitar o caminho fácil da negação.

- No entanto, nós temos que coesionar e fazer um movimento Fora Bolsonaro, duramente. Vamos forçar uma mão para acelerar a vacinação e assim que o nosso povo estiver protegido, vamos para a rua e vamos derrubar dentro dos ritos da Democracia, dentro do Estado Democrático de Direito, e vamos derrubar esse canalha que infelizmente usurpou a Presidência da República.

Penso que aí temos uma agenda pragmática que pode nos unir, mas tendo o cuidado de oferecer ao povo brasileiro alternativas contemporâneas ao Bolsonaro.

Se o Bolsonaro tentar dar um golpe, nós daremos a ele o destino que demos a Mussolini.

Eu, Ciro Gomes, assumo, estarei na luta ao lado de 10, de 100 ou de mil para dar a ele o destino de Mussolini.

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

Experiência Brasileira estimulou consumo. Aumentar o nível de consumo é a diferença entre comer e não comer.

O Brasil precisa investir na indústria, mas isso nunca aconteceu pelo consumismo individualista do mercado, e sim com investimento estatal direcionado.

O Estado precisa recuperar a capacidade de intervir.

Precisamos investir na nova indústria, disputar o mercado do 5G, dos supercondutores e engenharia de materiais.

Se o povo cresce, mas a economia não, o Brasil empobrece.

O povo brasileiro perdeu a fé no coletivo, focou em “se virar” e está empreendendo. E nessa realidade enxergam o Estado apenas pela faceta burocrática que trabalha contra essa parcela da população. A solução está em constatar que não existe mais burguesia brasileira nos moldes de Vargas, essa classe se transformou no agro-negócio exportador, com poucas exceções de Barões da indústria que ainda resistem, vale a pena o diálogo com estes.

Saúde Fiscal, no espectro das reformas progressistas, é o Estado com uma capacidade grande de intervenção na sociedade.

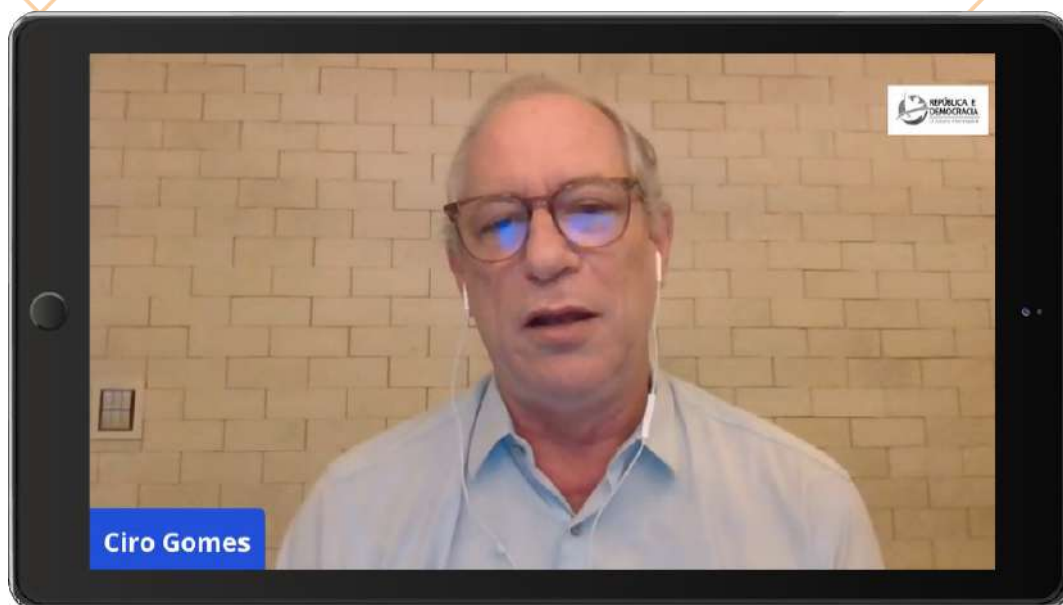
Reforma educacional é urgente, com educação profissionalizante, para reduzir a evasão, e ampliação das vagas de creches, essenciais para o desenvolvimento humano.

Muitos países abandonaram o receituário liberal durante a pandemia.

A Previdência não tem um problema de arrecadação, tem um problema de receita, agravada por dois fatores:

1. A dependência da **formalidade das relações de trabalho**, quando a maior parte da população está em empregos informais (situação gerada pela Reforma Trabalhista, que agrava o déficit)
2. Dependência de população jovem, na época da constituição de 88 existiam 6 jovens contribuindo para cada aposentado com expectativa de vida de 65 anos, hoje é menos de 1,6 contribuinte para cada aposentado com longevidade de 73 anos

É o governo que tem que **liderar a retomada do desenvolvimento**. Dizer de onde vem o dinheiro para isso previne o antagonismo, porque o Brasil tem um sistema tributário em que é tão grave a caricatura, que eu sei onde achar R\$ 300 bilhões de reais por ano, pelos próximos três anos, quatro anos. Isso é fácil tecnicamente, só em linha com as melhores práticas internacionais. O imposto sobre patrimônio com alíquota moderada para evitar a fuga de capitais, de 0,5% a 1%- é diferente de grandes fortunas- porque vai na pessoa jurídica também; um tributo sobre lucros e dividendos empresariais,



uma alíquota progressiva sobre Imposto de Renda, esses dois últimos eu já fiz como Ministro da Fazenda; um imposto progressivo sobre heranças, um IPVA que tem mais efeito simbólico, mas arrecada para fazer muita creche.

No Brasil, antes de experimentar inovações monetárias, nós temos o que fazer coisas mais simples, como cortar 30% das renúncias fiscais, porque existe razão social para isso. O Brasil este ano renunciou a R\$ 340 bilhões de reais. Não é sonegação- que é violenta- é imposto devido.

Sim, há uma questão fiscal, ela não será resolvida com arrocho, porque o problema da Previdência não é a despesa, é a receita, porque o sistema de previdência de repartição só permanece como tal no Brasil, na Argentina e na Venezuela. E qual o defeito dele? Depende de duas pernas que sumiram na vida real, a alta formalidade do mercado de trabalho e uma demografia jovem.

O juro negativo está fazendo com que a banqueirada esteja tirando o tapete debaixo do pé do Bolsonaro. Nesse primeiro momento, é com sentido de chantagem para que ele volte a aumentar a taxa de juros.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia;

Precisamos valorizar e investir nas Forças Armadas, que estão se desgastando nesse governo, mas principalmente sob a imagem de Pazzuelo.

Uma política exterior mantida na base da ideologia, com alinhamento subalterno ao Trumpismo nos Estados Unidos, está fazendo a China preparar alternativas que vão

deixar o Brasil falando só internacionalmente. No governo Bolsonaro a Argentina passou a ser o maior parceiro comercial da China, não é mais o Brasil, em apenas dois anos de tragédia.

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

Nós, da esquerda, precisamos rever nossa inteligência sobre o comportamento da população brasileira. A sociedade brasileira mudou profundamente nestes últimos anos, não só por essa avassaladora onda ideológica do consumismo, mas pela presença disso em coisas mais profundas como a religiosidade do povo brasileiro: a autoajuda, o neopentecostalismo, a teologia da prosperidade. Isso não está só entre os evangélicos,

Existe uma faceta identitária na crise: ela tem gênero, cor, idade e endereço. Mas focar só nessa faceta vai colidir com a moral popular, amplamente pentecostal.

ENTREVISTA COM



JOSÉ DIRCEU

Live número 2, do projeto República e Democracia, realizada no dia 25 de Janeiro de 2021. Estavam presentes: Sandra Bitencourt e Jorge Branco, diretora de comunicação e diretor executivo do INP, Artur Scavone do Blog A Terra é Redonda, e o Ex-Ministro e Ex-Governador, Tarso Genro e o Ex-Ministro José Dirceu, entrevistado dessa edição.

DESTAQUES INICIAIS

Compromissos urgentes: a defesa da Democracia e da Soberania nacionais; A batalha contra a militarização do Estado; O combate ao neoliberalismo.

"Só não vivemos em uma ditadura porque o Supremo, o Congresso, a oposição de esquerda e parte da direita liberal resolveram se opor à

marcha que Bolsonaro queria impor."

Teremos condições de unir todas as forças de Esquerda e lançar uma candidatura unificada? Dirceu acredita que sim, pela atuação conjunta dos partidos e movimentos no combate às reformas, na luta pelo FUNDEB, etc.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

Direita tradicional se coloca como alternativa sem contestar o programa econômico do Paulo Guedes. "O que nos divide da Oposição Liberal é exemplificado por uma frase de um ministro do governo: 'o Brasil deve abandonar a produção industrial! O que a esquerda deveria focar é na concentração de Renda, Riqueza e Propriedade, e na reforma do sistema bancário financeiro do Brasil'; 'Esquerda precisa realizar debate de fundo sobre a natureza do capitalismo brasileiro como diferencial da direita liberal' O Rentismo se apropria dos recursos para distribuição de renda e desenvolvimento tecnológico. 'Pós-Pandemia haverá um novo Bretton-Woods'"

Nossas pautas urgentes devem ser a continuidade do Auxílio Emergencial, a Vacinação ampla e total da população e o impeachment. A Estrutura institucional do Brasil, a relação entre as casas legislativas e o equilíbrio entre os poderes constituídos, dificulta as reformas progressistas, por isso precisamos nos debruçar sobre as eleições legislativas e eleger pelo menos 180 deputados progressistas para a Câmara. Precisamos travar uma batalha legislativa por reformas de base, combater a concentração de renda, riqueza e propriedade; o latifúndio, o sistema bancário e financeiro; e a carga tributária regressiva do Brasil. "Precisamos pensar outra forma de fazer unidade, levar a discussão aos bairros, aos sindicatos, aos movimentos, de baixo para cima" "Nosso esforço precisa ser no



sentido da democratização radical dos partidos, o PT não tem ferramenta de diálogo com os filiados." A luta sempre vai existir, o debate é se o PT estará junto, qual será a ferramenta que estará entre os trabalhadores, que já se revoltam por conta própria por causa da precarização da vida. A Fundação Perseu Abramo tem realizado um trabalho junto às fundações dos demais partidos de esquerda numa tentativa de formular esse programa comum da esquerda, reaproximar a intelectualidade e os movimentos sociais, pois é a falta de unidade entre a esquerda e o campo progressista que afasta esses setores estratégicos dos nossos programas. Sobre a corrupção o PT resgata sua imagem toda vez que discute e denuncia o circo jurídico e midiático que foi montado para manchar a imagem do Partido, desde o Mensalão até a Lava-Jato. Lula solto teria eleito Haddad. "Foi montada uma máquina de tortura psicológica para interromper o ciclo de desenvolvimento que o Brasil estava passando"

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

"O Bolsonaro faz parte de um fio, iniciado por FHC e retomado por Temer, para destruir o legado da Era Vargas e da era Lula. O estado de Bem-Estar é fruto de 100 anos de luta, cristalizadas na constituição de 88."

A economia brasileira necessita de um programa radical de distribuição de renda e geração de empregos, a recuperação virá através do cumprimento da demanda de consumo. O trabalhador participa da renda nacional através do salário, cada vez mais desvalorizado, o que aumenta a participação do rentismo, que só aumenta o luxo do 1% mais rico, que possui 28% da riqueza do país, enquanto os 50% mais pobres possuem 12%.

O novo modelo de desenvolvimento que a esquerda precisa entregar ao Brasil vai, necessariamente, passar por: 1- redução da jornada de trabalho, 2- Mudar a visão do papel do emprego na economia, e 3- debater a natureza da empresa privada, que hoje se coloca como defensora do meio-ambiente, da igualdade de gênero e racial; e da diversidade.

Nosso programa de combate ao rentismo precisa debater a dívida pública, que come boa parte do orçamento em juros, o papel do banco central na regulação econômica, os juros de empréstimo bancário que hoje passam dos 40%, e as taxas de câmbio que nos dificultam a participação no mercado internacional.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

O Brasil tem importância mundial pelo tamanho do território, da população e da potência tecnológica, foi quebrada a cadeia

de revolução tecnológica da Petrobrás e as grandes empresas nacionais de construção civil, que operavam obras de infraestrutura em toda a América Latina. O Pré-Sal poderia render uma poupança na casa do trilhão, como os países árabes têm, se não tivesse a exploração sido cedida para empresas multinacionais, como parte do esforço neoliberal de desindustrialização.

Isso tudo por pressão internacional, Bolsonaro tinha alinhamento automático à Política Externa norte americana durante o Governo Trump, agora com a eleição de Biden fica em a ver.

4. Temas comportamentais e de valores: re-conexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

Sobre a presença de evangélicos na política: Eles têm o direito de fazer política, como qualquer outro grupo social, o que não pode é virar uma religião oficial do estado, aí sim interfere na liberdade religiosa de outros credos. Os católicos até a ditadura eram conservadores, depois da teologia da libertação passaram majoritariamente para o nosso lado, com as CEBs, as pastorais, CNBB e movimentos sociais. O meio evangélico hoje está em erupção.

ENTREVISTA COM



FLÁVIO DINO

Live número 3, do projeto República e Democracia, realizada no dia 1º de fevereiro. Estavam presentes a Jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; Ricardo Capelli, secretário de Educação do Maranhão; o Ex-Ministro e Ex-Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o Governador do Maranhão pelo PCdoB, Flávio Dino.

DESTAQUES INICIAIS

O Brasil vive momento de retrocessos após o golpe contra a presidenta Dilma, tanto econômicos quanto políticos, e isso está se refletindo de forma aguda com a pandemia. Essa via crucis precisa ser percorrida pela esquerda e pelo povo, para haver 2022 temos que sobreviver a 2021, só assim teria sentido o programa eleitoral que estamos tentando

do construir. "Precisamos reconhecer a atuação da oposição, sem a esquerda e os setores do centrão as vacinas não teriam sido compradas." "Economia de "estagflação" mata, literalmente, ao amplificar as desigualdades." Sindicalismo e liberdade de imprensa estão ameaçados pela postura autoritária de Bolsonaro.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

É possível (formar uma frente), já fizemos inclusive para eleger Lula.

Falta a atitude de comunhão dentro da esquerda, precisamos buscar os pontos programáticos que sejam capazes de nos unir e nos vincularmos a eles, ao invés de debater os que nos separam. Debater os erros do passado é importante, se for para planejar as ações do futuro, não para gerar cisões.

Precisamos desmontar o monopólio da verdade, construído pela grande mídia, sobre a esquerda.

Construir metodologia da unidade: pactuar programa mínimo baseado no diagnóstico dos problemas nacionais

Eixos do Programa Mínimo:

1. Questão Nacional e soberania
2. Combate à desigualdade social
3. Reestruturação do modelo econômico brasileiro (energia renovável, indústria digital e robótica, tecnologia 5G)

Precisamos construir uma campanha cívica em conjunto com toda a sociedade, de combate à fome, e pela vacinação, porque "a solidariedade quebra o discurso de que o mérito justifica as desigualdades".





Precisamos de uma frente popular que dê esperança, porque é esse sentimento que mobiliza as pessoas.

A Frente Ampla do Uruguai não tinha a intenção de ser tão duradoura quanto está sendo, nem a Geringonça Portuguesa, esses arranjos surgem das respostas à conjuntura.

A esquerda só sairá da situação de isolamento se ampliar as capacidades de diálogo e a construção de acordos, assim que Bolsonaro conquistou boa parte do "Centrão"

Nós temos que ampliar perseverando o caminho da frente.

Precisamos encontrar as bandeiras corretas e acho que as bandeiras corretas são para 2021.

Metodologia da unidade: ter uma visão de programa mínimo do projeto para frente: ter senso de distinção e alguns pontos capazes de nos unir.

1. Humildade e empatia
2. Olhar mais para a frente do que para trás
3. Tamanho do programa: programa mínimo já mencionado

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

"Nenhum país em guerra discute os custos das ações militares antes de realizá-las, por se tratar de uma emergência. Nunca vi Churchill, Roosevelt ou Stalin consultarem os economistas antes dos generais para combater o nazismo"

Existem outras formas de aumentar a arrecadação do Estado que não interferem na dívida pública,

como os impostos emergenciais e sobre grandes fortunas, que estão na constituição.

Não existe projeto de desenvolvimento ou combate à desigualdade sem derrubar o teto de gastos.

Além disso, precisamos pensar **novas formas de aumentar a arrecadação** após a vacinação, como o turismo, por exemplo.

Existe uma falsa contradição entre seguir as recomendações da OMS e manter a economia, o Maranhão é prova de que ela é falsa.

"A esquerda precisa construir uma nova organicidade que se adapte ao novo tempo, a foice e o martelo não representam mais os trabalhadores do campo e da cidade, o trabalho precarizado"

"Nosso desafio histórico é muito maior do que só derrotar Bolsonaro, é construir um novo arranjo econômico e social"

3. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

"Jair Bolsonaro é um sepulcro caiado (alguém que expressa uma imagem irreal de si) pois se elegeu dizendo defender a família e agora abandona as famílias. Mas dizia ser defensor da família tradicional quando isso não existe, nosso compromisso deve ser com a constituição"

A nossa resposta deve ser sempre com valores que a Constituição garante: liberdades civis plenas e igualdade de direitos perante a lei.

O Estado Laico não é antirreligioso, mas a lógica religiosa não pode interferir nas políticas públicas, uma garantia da Constituição de 1946, proposta por Jorge Amado.

ENTREVISTA COM



ROBERTO REQUIÃO

Live número 4, do projeto República e Democracia, realizada no dia 5 de fevereiro. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; Vicente Trevas, presidente do ANSUR; o Ex-Ministro e Ex-Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o Ex-Senador e Ex-Governador do Paraná, Roberto Requião.

DESTAQUES INICIAIS

A Social-Democracia surge por pressão da Revolução Comunista na União Soviética. Por medo, os gestores das fazendas passam a dar espaço para movimentos sociais, o voto das mulheres. Quando a tentativa soviética faliu, os donos do capital partem para a revanche: a precarização do estado, a volta do domínio absoluto do poder econômico.

Os efeitos são:

Precarização do Estado, que se transforma em um Estado policial para conter as revoltas populares contra as sucessivas retiradas de direitos conquistados.

Precarização do parlamento, a financeirização das campanhas políticas: os parlamentares não

respondem mais pelos discursos de campanha, hoje não passam de operadores dos financiadores das campanhas eleitorais.

Fim da aposentadoria de financiamento tríplice, que não é nenhuma conquista da esquerda, mas uma invenção de Otto Von Bismarck, pelo motivo que explica Johan Fichte: "As nobrezas caíram porque a burguesia não aguentou produzir toda a riqueza decorrente da revolução industrial e não ter direito a desfrutá-la. A mesma coisa vai acontecer com a classe trabalhadora, porque seu único capital é sua força de trabalho, e à medida em que esses trabalhadores envelhecem, esse capital alui." Por isso Bismarck criou a aposentadoria pública, como uma forma de evitar a revolta social.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

"A minha proposta é a proposta aristotélica do ato possível: não podemos desestruturar completamente o Brasil, é preciso articular um governo de transição para outro modelo"

É preciso avançar numa aliança que contemple os interesses da população, que passa por resgatar a soberania e a valorização do trabalho, mas também restabelecer a liberdade de imprensa e comunicação, atravancada pela grande mídia, controlada por poucas famílias em todo o Brasil.



"Nossos três pilares são a democracia, a soberania e a liberdade"

"Nosso projeto deve ser consistente, não pode ser extremo nem na covardia, nem na temeridade"

É importante fechar um candidato único do campo progressista, se não, garantir a unidade no segundo turno. Seria importante que tivéssemos um projeto só e um candidato só. Porque as organizações partidárias, na disputa, vão começar a bater umas nas outras.

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

"A Confluência de crises faz parte do projeto liberal de país, o projeto de governo é não ter governo"

Reverter a autonomia do Banco Central e atrelá-lo ao projeto de desenvolvimento

Ainda sobre o BC: "Bolsonaro é fancho do Capital financeiro, instrumento da sinuca que dá apoio ao taco na hora de fazer um movimento difícil"

Precisamos compreender também a parcela de culpa da esquerda na crise neoliberal, a medida do governo Lula de criar contas remuneradas no BC para bancos internacionais contribuiu para o nosso aumento de juros "ad eternum". E para que o Brasil saia dessa situação é preciso

renovar o repertório de alianças: não podemos continuar insistindo em nomes como Meirelles e Levy, assim como pactuar um projeto nacional de desenvolvimento entre a esquerda.

Esse projeto precisa ser fundado economicamente em três medidas:

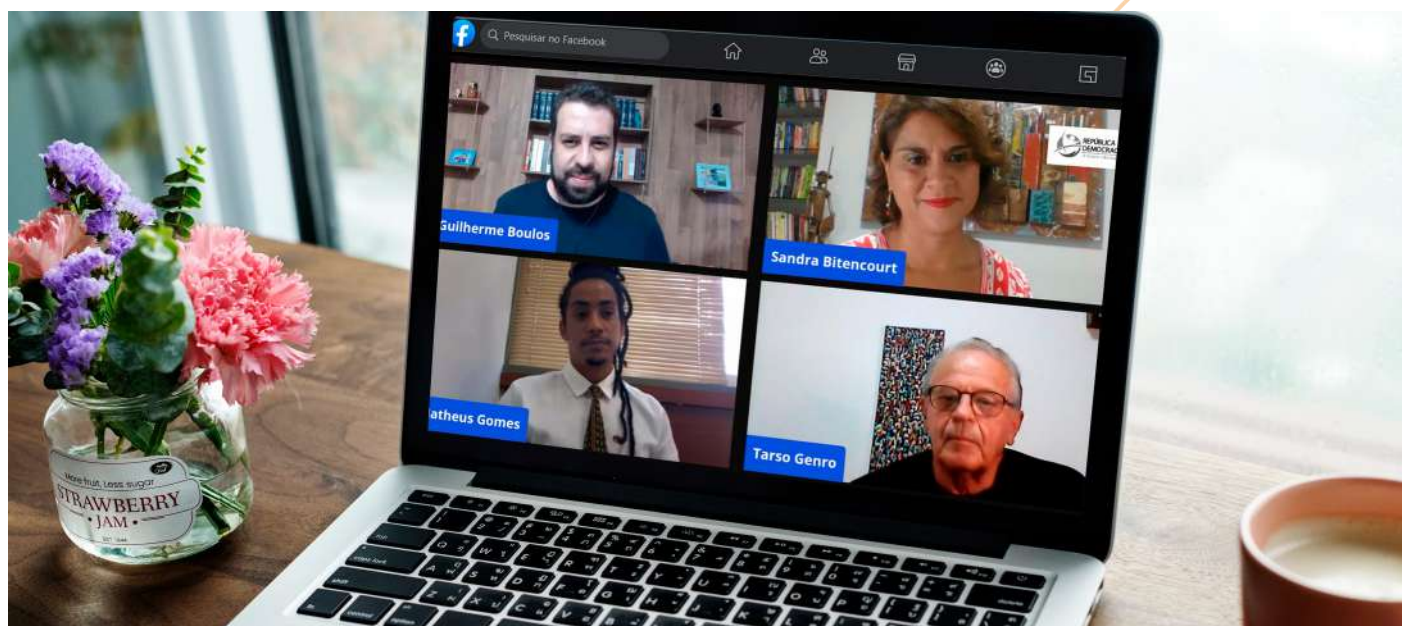
1. Controle do Câmbio
 2. Controle dos Juros
 3. Política econômica voltada para a geração de empregos
- 3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia**

A Frente Ampla que tentamos construir vai precisar retomar o investimento em ciência e tecnologia e iniciar um processo de valorização do trabalho e do trabalhador.

Requião sugere que ao fim do projeto seja positivada uma proposta definitiva e lançada para o escrutínio dos partidos e de todos e todas que fazem política de forma séria, assim não é impossível realizar a aliança que o Brasil precisa, mas é necessário entender que as instituições estão comprometidas, então teremos que nos apoiar na mobilização popular.

Por fim o Senador afirmou que precisaremos estreitar nossas relações com a América Latina para atuar com força nos mecanismos internacionais e assim disputar os rumos da humanidade.

ENTREVISTA COM



GUILHERME BOULOS

Live número 5, do projeto República e Democracia, realizada no dia 8 de fevereiro. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; Matheus Gomes, vereador de Porto Alegre pelo PSOL; o Ex- Ministro e Ex-Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o candidato à Presidência da República e à prefeitura de São Paulo, dirigente do MTST, Guilherme Boulos.

DESTAQUES INICIAIS

“Temos que dar prioridade nas nossas articulações para quem defende a vida” Essa oposição precisa passar por duas grandes plataformas:

1. Defesa da democracia
2. Economia: defender os interesses populares, combater a fome, o desemprego e o desalento.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

A unidade com o dito “centro democrático” vai só até o impeachment e a vacinação, porque se trata da velha direita tradicional fisiológica, que, devido à mudança de paradigma que Bolsonaro representa na política nacional, parecem mais moderados, mas seguem defendendo o programa do Paulo Guedes.

Não nos favorece em nada fazer unidade com esses setores nas eleições de 2022, pois fecham portas com o povo nos debates que nos aproximam dele, como por exemplo a defesa e ampliação de direitos sociais. Dória é um exemplo que parece mais moderado por causa do Bolsonaro mas defendeu razão humana, entre outras barbaridades.

Com isso, temos **dois pontos imprescindíveis no projeto de esquerda**:

1. O projeto tem viabilidade eleitoral, só não podemos esperar a centro-direita nos apoiar para lançá-lo
2. Precisamos medir até onde a centro-direita está disposta a ir na oposição ao Bolsonaro para evitar decepções

A esquerda precisa se **reconectar com o povo**, refundar os mecanismos de inserção nas comunidades e de diálogo com o povo.

Direita espera um candidato como Bolsonaro “mas que saiba comer de garfo e faca”, isto é, que não faça declarações que envergonha a burguesia rentista brasileira, mas que ainda aplique a cartilha neoliberal.



Mas para isso precisamos ainda disputar 2021: vacinação para toda a população, auxílio emergencial que possibilite o distanciamento social e o impeachment no Congresso Nacional.

“É óbvio que todos os partidos podem lançar seus candidatos, e isso não é contraditório com fazer o debate de programa mínimo e projeto de unidade que o momento nos exige”

Outra coisa é a postura de diálogo e aproximação: o debate que a esquerda faz, por vezes, é muito sisudo, entre outras coisas, Bolsonaro ganhou a eleição fazendo memes. Precisamos superar também a postura rançosa da esquerda, que se recusa a dialogar com quem votou em Bolsonaro. “Bolsonaro é fascista, mas o povo que votou nele não, precisamos puxar eles de volta pro nosso lado”.

“O movimento social tem papel chave na reconexão com o povo”, a prova disso é que Boulos teve a melhor votação da esquerda nas periferias desde a eleição de Haddad em 2012. E os bairros em que o Boulos venceu no segundo turno eram todos bairros que o MTST tem trabalho há mais de 15 anos.

Precisamos construir frentes concêntricas que nos possibilitem diferentes níveis de unidade para cada situação da conjuntura.

“Não há como derrotar Bolsonaro em 2022 sem um Projeto Popular”.

Bolsonaro venceu a eleição e mantém sua base coesa ao disputar os valores hegemônicos da sociedade, no caso dele para o pior que a humanidade tem a oferecer.

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

É preciso a derrota da política econômica que tem massacrado o povo brasileiro, que está entre a encruzilhada de morrer de vírus ou morrer de fome.

Nós temos uma política econômica que levou o país, no fim do ano passado, ao maior índice da série histórica sobre desemprego, do IBGE. Cinco milhões de desalentados, que nem sequer procuram mais emprego.

Se não voltar o auxílio emergencial, já em 2021, podemos presenciar uma convulsão social.

A plataforma para combater o fascismo de Bolsonaro tem um pé na luta democrática e um outro pé na luta pela igualdade social, pelos direitos sociais.

O paradigma do trabalho mudou, muitos jovens não querem saber de trabalhar de carteira assinada, querem subsídio para empreender, facilidade de crédito para abrir pequenas empresas: “precisamos aprender a dialogar com uma geração que cresceu com o PT e hoje quer mais”. Com a **uberização** se criou uma rede de empreendedorismo social que nós vamos ter que aprender a lidar.

A Argentina tem experiências de cooperativas de serviços ligados aos Movimentos Sociais.

Mujica falou uma coisa importante, uma importante autocritica. Não basta formar consumidores. É muito correto desenvolver o mercado interno, dar crédito, fazer políticas de transferência de renda, dar condições para que o povo tenha acesso aos bens de consumo. Formamos consumidores, mas não formamos cidadãos.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

Nós precisamos colocar na mesa um modelo de desenvolvimento nacional. A situação é tão crítica que, por vezes, a gente adere a um discurso de que basta um crescimento econômico, um percentual de 4 ou 5% e estamos no paraíso. E não se trata disso! Nós precisamos de um modelo de desenvolvimento econômico para o país combinado com o debate à desigualdade e combinado também com a preservação do meio-ambiente, com a sustentabilidade ambiental.

Nos últimos 30 anos a economia brasileira sofreu uma severa “reprimarização”. O Brasil se recolocou no mercado internacional como uma fazenda da China, da Europa. Com uma economia extrativista, produtora de commodities. O Brasil tem um potencial internacional de ser muito mais do que isso, a partir de um outro modelo que não necessita de grandes alterações legais, embora seja evidente, que precisamos desfazer retrocessos.

Precisamos de um modelo com investimento em ciência, em tecnologia e inovação. Nós precisamos um modelo, a exemplo do que a esquerda está debatendo internacionalmente, que coloque em questão a matriz energética do nosso país, modais de transporte, economia de



carbono zero. Esses debates não estão sequer colocados na agenda nacional.

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

Urge viabilizar **políticas de combate ao racismo e à violência de gênero**, é isso que se espera dos governos por parte significativa da população, hoje.

Os governos progressistas poderiam ter se utilizado da ferramenta de mobilização social para disputar valores e pautas que a esquerda considera centrais, quando não havia maioria parlamentar poderiam ter feito pressão.

Tem que fazer a disputa cultural, a disputa ideológica. O Bolsonarismo ganhou as eleições no

Brasil e mantém sua base coesa a partir da disputa de valores, da disputa ideológica. Estimulando o fundamentalismo religioso, valores de ódio. A partir disso ele coesiona um campo na sociedade.

Na guerra cultural o Bolsonarismo ganhou por WO. Nós ficamos de fora dela e precisamos disputar valores na sociedade. A disputa por valores também ajuda a operar relações de força na sociedade.

Quem diria, há cinco anos, que nós teríamos um movimento de extrema direita, organizado, de viés fascista, com influência sobre 10, 15 % da sociedade?

Nós precisamos disputar os valores solidários, os valores coletivos. Entrar em campo, nessa disputa.

ENTREVISTA COM



BENEDITA DA SILVA

Live de número 6, do projeto República e Democracia, realizada no dia 12 de fevereiro. Estavam presentes: Sandra Bitencourt e Jorge Branco, diretores de comunicação e executivo do INP, respectivamente, e os Ministros Tarso Genro e Benedita da Silva, entrevistada dessa edição.

DESTAQUES INICIAIS

O projeto neoliberal tem por objetivo enxugar o Estado, deixando quem mais precisa à deriva. Impedindo que o Estado cumpra sua função principal: interromper o caos gerado pelo capital e, nesse caso, pela pandemia.

Precisamos construir uma narrativa que permita a organização do trabalhador e da trabalhadora mais precarizados, isto é, oferecer soluções para os problemas concretos da população.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

▪ UNIDADE DA ESQUERDA

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

A unidade é necessária e urgente "ou nos unimos ou vamos para o buraco".

Com a aceleração da crise social, resultado da conjunção de muitas crises, bate à porta a necessidade da formulação de um programa nacional a ser debatido por todos, dos partidos à população.

"Precisa algo pior acontecer para a esquerda se entender?"

2. Concepção de modelo de transição econômico social - Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

"Precisamos de uma esquerda que banque a taxação das grandes fortunas"

Tanto a cidade quanto o estado do Rio não têm salvação sem uma unidade de esquerda e progressista, e o PT compreende essa importância e já se movimenta nesse sentido. Mas para isso precisamos radicalizar os trabalhadores se quisermos virar o jogo, trabalhar com a mobilização popular para "Exorcizar o Rio"

Tendo em mente que "O Neoliberalismo cria um novo apartheid que tem por objetivo devolver os negros para a senzala" precisamos investir em mais políticas como as cotas porque com elas "As Universidades brasileiras ganharam a cor do Brasil".

"Não existe soberania nem democracia enquanto existir o racismo"



3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

Três pautas são essenciais para a inclusão no programa: o combate ao racismo e à violência de gênero, pois tratam da maioria da população brasileira em diferentes recortes, e a pauta do meio-ambiente porque interfere na vida de todos nós, mas principalmente das novas gerações.

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões

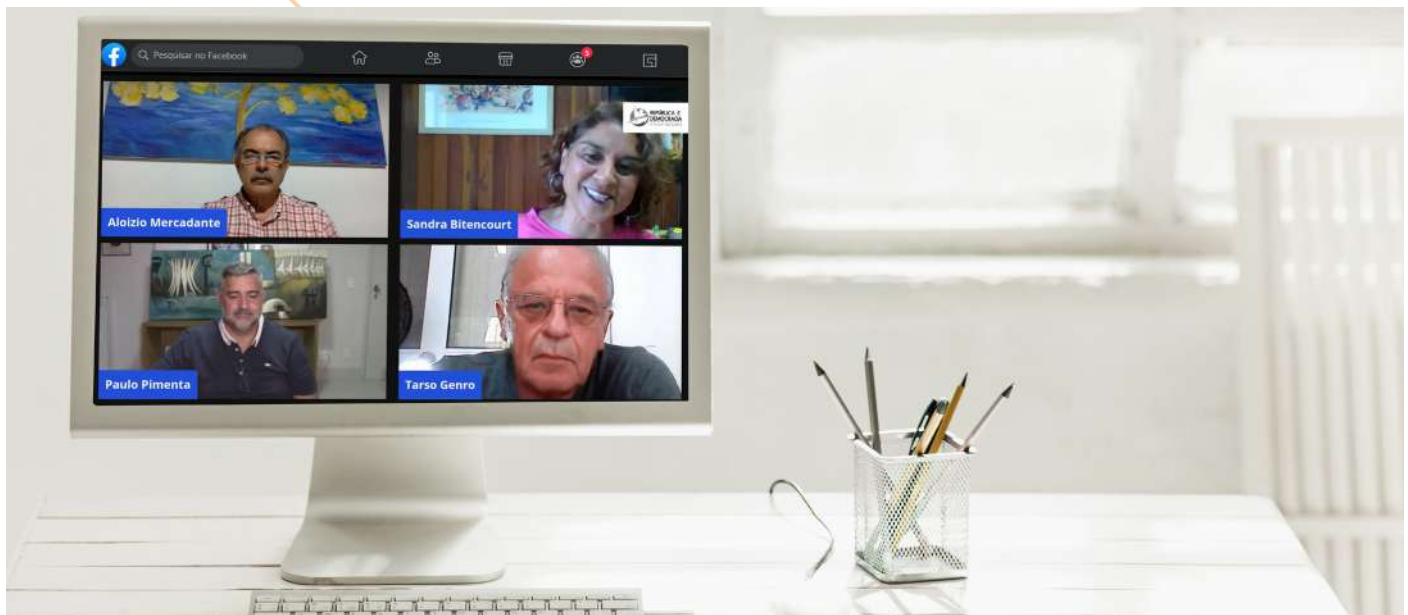
As esquerdas precisam atacar com firmeza a intolerância e o fundamentalismo religioso, mas isso

não é deixar de dialogar com os religiosos, principalmente os evangélicos. O PT, nesse sentido, está abrindo núcleos de evangélicos por todo o Brasil.

Os evangélicos que entram para a política entram com o único objetivo de passar a agenda evangélica, o que interfere na laicidade do Estado, mas acabam votando junto com o projeto neoliberal por conveniência, um exemplo é a autonomia do Banco Central, que não tem nada de evangélico, mas era necessário pelas articulações que fizeram.

A proposta evangélica de direita é ocupar o poder com um discurso alienante.

ENTREVISTA COM



ALOIZIO MERCADANTE

Live número 7, do projeto República e Democracia, realizada no dia 15 de fevereiro. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; O Deputado Federal Paulo Pimenta (PT-RS); o Ministro e Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o candidato à vice Presidência da República em 1994, Senador por São Paulo, Aloizio Mercadante.

DESTAQUES INICIAIS

"Bolsonaro nunca escondeu que era golpista, sempre homenageou a ditadura militar, mas não o desenvolvimentismo que ele abandonou, os porões da Ditadura, o herói dele não é nenhum dos presidentes militares, mas o torturador Ustra"

A OEA i nterferiu na eleição boliviana a pedido do Departamento de Estado norte americano, e uma milícia civil e policial passou a atacar os integrantes e eleitores do MAS, e o exército apenas deixou, não precisou se envolver.

Nesse sentido, Bolsonaro vem construindo seu discurso para deslegitimar o resultado eleitoral de 2022, que pode vir a derrotá-lo, mesmo que ele tenha sido parlamentar por mais de 20 anos e colocado 3 dos 4 filhos na política.

Para dar suporte a esse ensaio antidemocrático, Bolsonaro caminha para a legalização das milícias com a liberação de cada vez mais armas, violando o estatuto do desarmamento, "isso pode desestabilizar o voto popular"

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

"A fronteira entre a direita democrática e a extrema-direita é muito flexível"

"Qualquer iniciativa de unidade contra o Bolsonaro tem meu apoio incondicional"

É preciso que essa unidade tenha por objetivo, também, estabelecer parâmetros mais justos para a vida da população:

2. Concepção de modelo de transição econômico social - Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

Estamos voltando à recessão, o desemprego e o desalento estão em momento de alta histórica, o auxílio emergencial amenizou um pouco a situação, mas agora a redução para 250 reais acaba sendo apenas paliativo. Oposição propôs 1 salário mínimo por família para viabilizar o distanciamento social.



Essa movimentação de reduzir o auxílio vai provocar fome e com isso saques, porque a população não consegue sobreviver sem políticas públicas.

“O Bolsa Família não tem reajuste desde o golpe, estagnou nos 250 reais”

O Governo Federal apresentou três políticas para o enfrentamento da crise:

1. Independência do Banco Central (o que aprofunda a financeirização da nossa economia)
2. Militarização
3. Privatizações de estatais como a Eletrobrás

“Os 5% mais ricos da população gastam em média 20% do que ganham, o resto aplica no mercado financeiro para gerar rendimentos, enquanto os 50% mais pobres muitas vezes

gastam mais do que ganham para satisfazer suas necessidades básicas”

Quando se taxa o consumo se cria uma estrutura regressiva que pesa mais sobre quem tem menos.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

Precisamos de uma reforma tributária progressiva para reconstruir o Brasil e sair dessa crise.

A construção de um protocolo de respeito e cordialidade é primordial para a construção de uma frente de esquerda e progressista, que pode contar inclusive com setores do exército
“Existem generais dissidentes do bolsonarismo, então é preciso agir também por dentro das instituições do Estado”

ENTREVISTA COM



CARLOS SIQUEIRA

Live número 8, do projeto República e Democracia, realizada no dia 20 de fevereiro. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; O Deputado Federal Paulo Teixeira (PT-SP); o Ministro e Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o Presidente Nacional do PSB, Carlos Siqueira.

DESTAQUES INICIAIS

ORGANIZAÇÃO DA ESQUERDA

O PSB passa hoje por um processo de autor-reforma, a partir de uma autocrítica profunda sobre os últimos anos de atuação do partido.

"As maiores conquistas sociais da República aconteceram no último período democrático, nos últimos 35 anos".

"Existe um grande desgaste e um distanciamento dos partidos da vida cotidiana das pessoas, porque o mundo mudou muito e os partidos não mudaram o suficiente".

A falta de um projeto estratégico de desenvolvimento nacional pode ser atribuído, também, às grandes deformações que o sistema político brasileiro sofreu desde sua concepção.

"Os partidos que não foram capturados pelo sistema financeiro internacional sofreram grande influência dele".

"Precisamos de uma profunda reforma política que una o que há de progressista no pensamento brasileiro".

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

A Live terminou com o entrevistado se comprometendo a escrever uma carta convocatória para todas as forças de esquerda e progressista, que resulte em uma mesa de debate para a formulação de um programa coletivo, democrático e de desenvolvimento nacional.

Temos que nos perguntar o porquê do fascismo estar ressurgindo nas democracias ocidentais, e entender que isso revela a insuficiência da democracia representativa liberal. A Esquerda deve lutar para aproximar os conceitos de 'democracia' e 'igualdade de direitos e oportunidades'.

"Toda vez que uma liderança mobilizou a inteligência nacional e o povo brasileiro conseguiu realizar seus objetivos. Exemplos são Vargas, Juscelino com a construção de Brasília, e Lula".



"O problema do Brasil, hoje, é um problema fundamentalmente político, sem resolvê-lo não existe solução para os outros problemas".

"Além das forças de esquerda, o Segundo Turno de 2022 precisa contar com todas as forças do espectro democrático".

"Do debate de conjuntura tiraremos encaminhamentos que podem resultar em uma candidatura unitária ou em candidaturas diversas, mas comprometidas com o mesmo programa, que seria apenas testado nas urnas com a figura com a maior capacidade eleitoral de aplicá-lo".

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

É preciso aplicar a criatividade característica do Brasil na resolução dos problemas nacionais: "O PSB tem por objetivo a criação de um socialismo criativo e democrático".

Devemos ter a paciência histórica de construir um caminho de mudança de concepção democrática. Com igualdade de direitos e igualdade de oportunidades. Que os países tenham autonomia para desenvolver suas potencialidades, que no nosso caso, são imensas.

Temos hoje um país que é décima economia do mundo e já chegou a ser a sexta, inclusive, durante o governo do presidente Lula. Nós temos **grandes ativos pra desenvolver**. Por que nós precisamos ser o país mais conveniente do mundo para os países ditos desenvolvidos? Nós produzimos commodities, sobretudo agrícolas, minerais, e teremos que comprar quase tudo que eles produzem industrialmente e não industrializamos nada.

Será que não temos criatividade suficiente para produzir, formular, por exemplo, a Amazônia. Mobilizar a sociedade, colocar lá especialistas que possam transformar produtos que possam se reverter numa atividade econômica sofisticada de biotecnologia, d e biodiversidade.

Será que não somos capazes. Nós que já fomos tão capazes no passado. Nós que quando os EUA disseram que não havia Petróleo no Brasil, o presidente Vargas criou a Petrobrás, e 50 anos depois, a Petrobrás, décima maior empresa de petróleo do mundo, criou a tecnologia única no planeta que é da exploração em águas profundas.

Todas as vezes que a inteligência chamou os brasileiros para enfrentar desafios ela conseguiu.

Nós precisamos superar. A indústria brasileira está indo para o buraco, está sendo sucateada, perdendo competitividade, poucos setores se mantêm competitivos. Esse não é o nosso destino. Precisamos superar. Por que existe o agronegócio? Existe o agronegócio porque existiu a Embrapa.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia;

"Há um senso de responsabilidade democrática que não está restrito aos partidos nem ao STF, mas que está em toda a sociedade, inclusive em componentes das Forças Armadas, porque, hoje, a maior contradição da sociedade não está entre a esquerda e a direita, mas entre a democracia e o autoritarismo".

Temos um imenso patrimônio que é a Amazônia, podendo desenvolvê-lo e podendo fazer isso não só para região Norte, mas para todo o país. Precisamos ter inteligência e ocupar a quilo com atividade econômica, uma indústria nova,



ENTREVISTA COM



CELSO AMORIM

Live número 9, do projeto República e Democracia, realizada no dia 1º de março. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; o advogado e mestre em Direito Constitucional, Pedro Abramovay; o Ministro e Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o Ministro e Embaixador do Brasil, Celso Amorim.

DESTAQUES INICIAIS

A política externa do Brasil no governo Lula, sob o lema "ativa e altiva" tinha caráter solidário, integrador e multipolar, seguindo a tradição da diplomacia brasileira. Até na di-

tadura o Brasil foi o primeiro a reconhecer a independência de Angola.

"A política externa desse governo só não faz rir porque faz chorar".

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

"O mundo também é feito de interesses nacionais, e nós temos que defender o nosso, e isso por vezes irá se chocar com os interesses geopolíticos dos EUA"

"O mais importante agora é nos unirmos para garantir a democracia. A democracia é vida, saúde e soberania. Sem isso não chegaremos a 2022. Se as milícias continuarem recebendo armas livremente... Veja bem, não entendo como as Forças Armadas aceitam isso, já que entre os pilares está o monopólio da violência legítima pelo Estado."

Pontos centrais para a unidade no assunto Relações Internacionais

a. Formular uma política externa racional, invertendo a lógica do Ernesto Araújo.

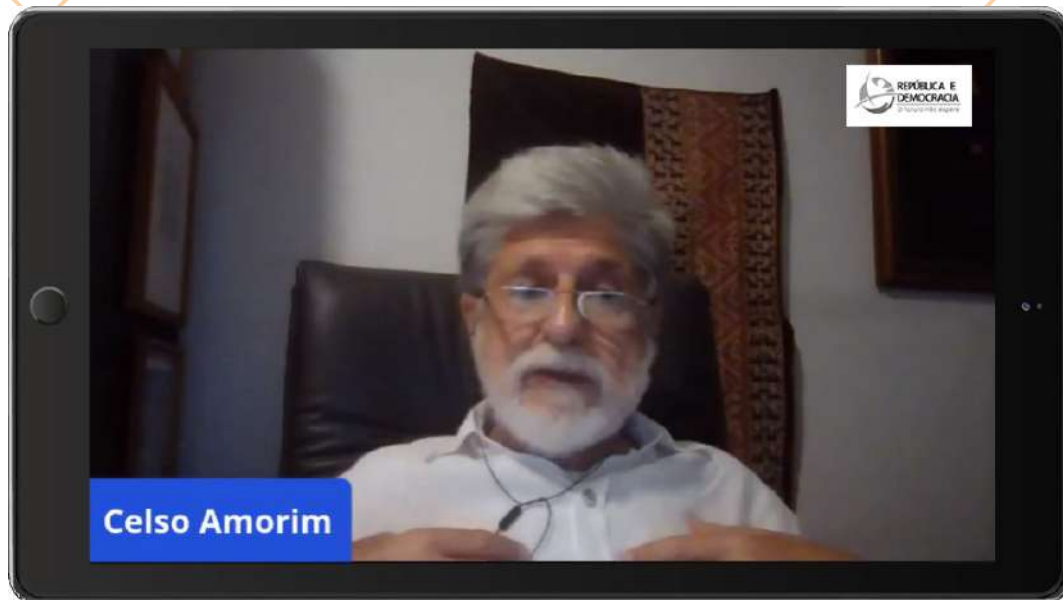
b. Defender a Soberania não só do Brasil, mas também de outros países.

c. "Democracia, vida, saúde e soberania"

2. Concepção de modelo de transição econômico social - Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

No cenário atual, temos relações ruins com todos os nossos principais aliados, o que o Brasil está fazendo é uma "anti-diplomacia". Nesse sentido, precisamos retornar à normalidade das Relações Internacionais do Brasil.

Sobre a relação com os EUA, as diferenças entre Biden e Trump são nuances na administração do



imperialismo “mas em política internacional, nuances podem custar milhares de vidas”. “Existe um choque de concepções societárias no mundo, hoje, e Biden está do lado positivo”

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia;

“A desmoralização das Forças Armadas faz parte do projeto de poder do Bolsonaro, assim facilitando a legalização das milícias”

“Por oportunismo de voltar ao poder alguns militares se submeteram a uma política contrária inclusive à da ditadura militar, quando abandonaram o desenvolvimentismo em detrimento do rentismo”

“Eles não irão apoiar abertamente um golpe de Estado, mas também não irão se opor aos absurdos que estão acontecendo”

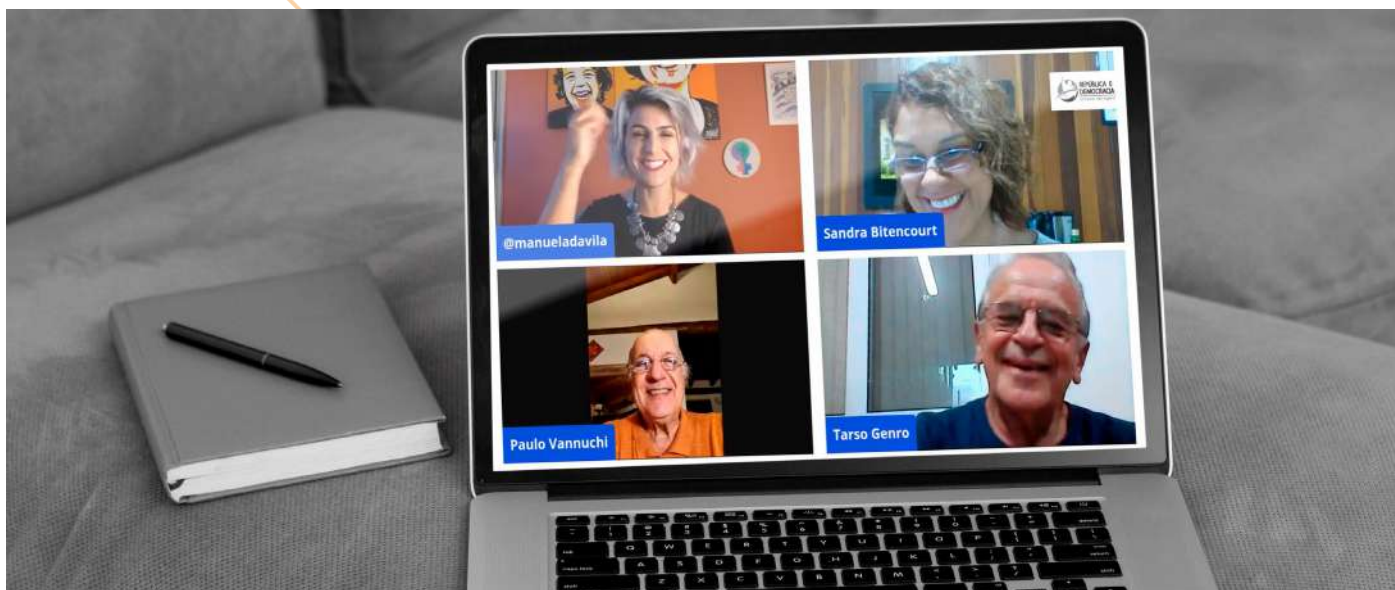
“Precisamos retornar a uma política externa ativa, ativa e solidária, em conjunto com a América Latina para angariarmos poder de barganha nos organismos internacionais”

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

Há temas que podem reunir mais gente, especialmente os que tratam de valores civilizatórios.

Isso pode se inserir em um debate maior, na formação de uma frente em defesa da democracia e dos ideais progressistas. Em defesa dos direitos humanos, combatendo o racismo, um problema gravíssimo no Brasil. Se 50% da população brasileira, que é negra, é excluída dos corredores do poder, então não temos ainda uma nação. A nação ainda está em construção.

ENTREVISTA COM



MANUELA D'ÁVILA

Live número 10, do projeto República e Democracia, realizada no dia 8 de março. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; o jornalista e Ex-Ministro Paulo Vannuchi; o Ex-Ministro e Ex-Governador Tarso Genro e a entrevistada da edição, a deputada, candidata à vice-presidenta e à prefeita de Porto Alegre, Manuela D'Ávila.

DESTAQUES INICIAIS

Atravessar 2021 é muito grandioso para colocar 2022 na frente.

Debate de agendas se constrói neste ano.

A unidade se constrói a partir de pontos de convergência e “os pontos de convergência vêm da realidade concreta, e a realidade é um governo que permanentemente fragiliza a democracia e as instituições”.

É um governo atípico, que foge inclusive do comum do neoliberalismo “não

Se nós caracterizamos o governo como fascista ou a amplos setores do governo com fascistas, nós não podemos nos comportar como se estivéssemos diante do governo do FHC.

Nós temos que tirar desdobramentos concretos das nossas posições.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

A unidade precisa acontecer em dois graus diferentes:

- Unidade ampla: para a defesa da democracia e enfrentamento ao negacionismo científico
- Unidade eleitoral: construída a partir de um programa conjunto “com a herança do trabalhismo e do lulismo”

As alianças e a plataforma para 2022 se constroem a partir do tripé que deve reger a esquer-

da em 2021: vacinação para toda a população, auxílio emergencial para o povo não morrer de fome e medidas de isolamento que interrompam a cadeia de transmissão do vírus.

Os municípios podem contribuir para a geração de empregos e renda a partir das compras municipais e incentivando as redes locais de produção de bens e serviços.

“A realidade é que o trabalho infantil voltou com força, como se via nos anos 1980”

“Não temos política de proteção para os filhos das mulheres que nunca pararam de trabalhar,



caixas de supermercados e farmácias, mulheres que trabalham na área da saúde, motoristas e cobradoras de ônibus, trabalhadoras da limpeza, etc. Essas crianças estão sob cuidados de outras mulheres também sobrecarregadas”

“A minha tarefa enquanto militante comunista e de esquerda é dar condições para que o povo consiga fazer o enfrentamento ao governo”

“O compromisso da esquerda em realizar a unidade para 2022 é o compromisso de salvar vidas do povo brasileiro”

“As nossas divergências são pontuais e pequenas e devem ser tratadas entre nós.

Por quê? Porque cada vez que uma divergência sai, ela é usada para fragilizar nosso campo e fortalecer o adversário”

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

“A violência em excesso adormece os sentidos, e a violência vinda da autoridade máxima do país autoriza a violência da população, trazendo o que há de mais primitivo dentro de todos nós à tona”

“A esquerda muitas vezes toma as redes como sendo um processo de comunicação de mão única, mas elas não são só um processo de comunicação, são também um processo de formação de opinião, são o novo espaço público, não existe contradição entre estar nas ruas e nas redes, pelo contrário, é preciso ocupar ambos espaços.

“O perigo principal das notícias falsas é que elas são personalizadas especialmente para cada público”

O compromisso da esquerda em realizar a unidade para 2022 é o compromisso de salvar vidas do povo brasileiro

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

Se você pegar o recorte ambiental, dá para ver que temos um governo genocida, seja do ponto de vista do desmatamento da floresta, seja do ponto de vista das queimadas do pantanal, seja pela liberação permanente de novos agrotóxicos proibidos no mundo inteiro, que envenenam e matam o nosso povo.

Se olharmos a gestão da pandemia há a negação da importância da vacina. Vi um dado na semana passada, da Folha de São Paulo, mostrando que 63% das mulheres negras com filhos até três anos não conseguem trabalhar nesta pandemia.

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

Hoje, Dia Internacional de luta das mulheres, nós sabemos o que representa a autorização discursiva da violência, do Bolsonaro. Com relação à escalada da violência de gênero e com relação ao aumento de feminicídios. Assim como o discurso de ódio, permanentemente racista, o discurso LGBTfóbico, que autoriza empreendendo elementos de violência na sociedade brasileira.

A gente tem em rede nacional permanentemente o pior de todos os exemplos. A autorização da violência. Se a autoridade máxima do país pode ser violenta, quem não pode ser?

As redes de ódio se organizam em torno de sentimentos e sensações que são arraigados no nosso povo, como o machismo e a misoginia.

A misoginia e o machismo foram os ingredientes que costuraram o golpe contra a presidenta Dilma.

Os sentimentos que são trabalhados por esses que propagam o ódio são sentimentos estruturais, que estruturam a sociedade brasileira, como o caso do machismo e do racismo. Não se transforma uma sociedade racista por decreto, mas por um processo de construção.

É o que o PROUNI faz quando coloca milhares de jovens negros pelas cotas na universidade, é um processo social e cultural.



ENTREVISTA COM



MARINA SILVA

Live número 10, do projeto República e Democracia, realizada no dia 12 de março. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; a jornalista e doutora em sociologia, Maristela Bernardo; o Ministro e Governador Tarso Genro e a entrevistada da edição, a ministra e candidata a presidenta Marina Silva.

DESTAQUES INICIAIS

"A política hoje sofre uma perda de potência em todo o mundo. Essa perda de potência tem a ver com a incapacidade dos operadores da política (partidos políticos, pessoas, instituições) está mais a serviço do sistema, de sua reprodução, e não a serviço da sociedade.

Há uma nova forma de ativismo, ativismo autoral as pessoas querem ser protagonistas e não

só espectadores.

"É preciso democratizar a democracia, o povo hoje não quer apenas votar, quer ser sujeito ativo e participativo da política"

"Os partidos precisam se reinventar para garantir protagonismo e oferecer uma melhora sensível na qualidade de vida da população"

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

A unidade do campo democrático, para acontecer, precisa de:

1. Reconhecimento da diversidade na política
2. Cada um olhar para si e perceber as diferentes contribuições do período democrático
3. Reconhecer a decepção do povo frente à política

Todo o espectro democrático precisa retomar a política da construção contra a política da des-

truição, que acontece quando o debate de ideias dá lugar à perseguição das figuras políticas.

O Brasil deveria estar liderando o mundo pelo exemplo, utilizando a estrutura enorme do SUS para conter a disseminação do vírus, e as históricas campanhas de vacinação.

"2022 é a linha de chegada, mas não conseguimos alcançá-la sem definir a linha de partida"

A polarização é a grande responsável pela política do ódio, precisamos construir novamente uma política da comunhão. Tem uma agenda responsabilidade e a partir dela se pensa o que seria a

unidade. Precisamos sair do polo da diluição das diferenças e homogeneização dos sonhos. Precisamos ter reconhecimento da diversidade social, política, cultural, com respeito às diferenças.

Defesa de direitos humanos, defesa intransigente da democracia, desenvolvimento sustentável.

“A linha de partido é um programa de governo que combata a desigualdade, o machismo, as mudanças climáticas, e que dê oportunidade para a juventude”

A nova forma de governar é aquela que distribui poder, distribui autoria, realização e reconhecimento. Essa é demanda do setor progressista que está conectado com o século XXI.

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

Os pontos de contato da nossa agenda, os pilares do projeto estratégico:

1. Combate à desigualdade social, criando um novo ciclo de prosperidade
2. Respeito às diferenças e valorização da diversidade
3. Busca por um modelo sustentável de desenvolvimento que seja capaz de se reconectar com o que tá acontecendo no mundo

As potências caminham para que suas economias sejam recuperadas com base no que está colocado no acordo de Paris e os objetivos do desenvolvimento sustentável para enfrentar as consequências das mudanças climáticas, a ruptura tecnológica que trás vantagens fantásticas, mas ao mesmo tempo desafios enormes e coloca a questão da educação como um desafio enorme para todos., e a questão da saúde pública que é o espaço da cooperação no mundo.

O mundo precisa convergir em dois aspectos: saúde, o combate à pandemia; e meio-ambiente, interrupção do colapso ambiental, mudanças na matriz energética e na forma de produção.

“O meio-ambiente é uma pauta de toda a humanidade, porque atinge todos nós de forma igual”

Nós temos crime de lesa pátria e crime de lesa humanidade no Brasil. De lesa pátria quando acompanhamos a imensa destruição do patrimônio natural brasileiro e lesa humanidade

quando assistimos o não enfrentamento da pandemia. O mundo faz tudo para debelar o vírus e o governo Bolsonaro atua para que o Brasil se constitua no refúgio do vírus, além de destruir nossos ativos ambientais.

O momento do nosso país é crucial para a história da humanidade.

Precisamos mudar valores. As pessoas se sentem felizes, a partir de consumir, é nisso que o sistema nos educou. Você tem sucesso se é um consumidor. Tem sucesso se você tem, não se você é. Essa visão tem que mudar porque não tem capacidade de suporte para o nosso padrão de produção e padrão de consumo. Aí você vai ter que deslocar todos os investimentos, os investimentos libidinais (o que nos conquista, o que nos deixa felizes) para outros lugares. Há limites para ter e o planeta já está no vermelho. A humanidade terá que caminhar do ideal do ter, para o ideal do ser.

Não se pode produzir energia de qualquer jeito, não se pode fazer agricultura de qualquer jeito, não podemos matar a galinha dos ovos de ouro.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia

A pauta ambiental, nesse sentido, também se mostra urgente por ser uma preocupação crescente da população

“Os esforços no sentido da sustentabilidade são importantes mas são absolutamente insuficientes, precisamos de mudanças drásticas, é urgente transacionarmos para uma economia de baixo carbono, a política não pode seguir no caminho do desenvolvimentismo”

Chegou o tempo em que ser de esquerda, qualquer pessoa que tem uma visão do que ocorre no mundo, tem que reconhecer que o meio ambiente é uma agenda que

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

A fé - e cada um tem a sua - tem a seu favor uma grande conquista da humanidade, que foi a separação entre estado e religião.

“O Estado Laico é uma benção para quem crê e para quem não crê” pois ele nos dá a proteção e a oportunidade de expressarmos nossa fé em harmonia com as outras.



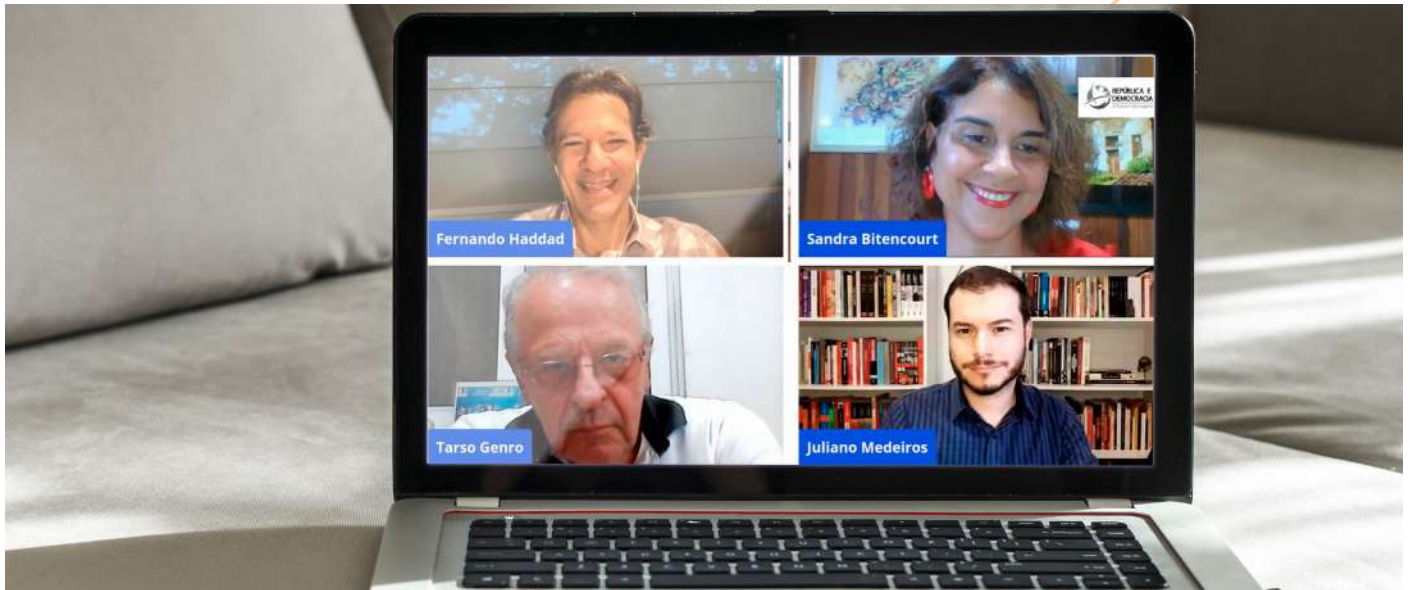


"Cristo nunca pregou o ódio e a violência, mas sim disse 'amem-se uns aos outros como eu vos amei'".

Há uma instrumentalização da política. Existem fundamentalismos. Existem fundamentalismo

religiosos misturados com política. E existem fundamentalismos só políticos. Sempre coloquei como termo de referência não fazer do púlpito um palanque e não fazer do palanque um púlpito.

ENTREVISTA COM



FERNANDO HADDAD

Live número 12, do projeto República e Democracia, realizada no dia 15 de março. Estavam presentes a jornalista e diretora de comunicação do INP, Sandra Bitencourt; o Presidente nacional do PSOL, Juliano Medeiros; o Ministro e Governador Tarso Genro e o entrevistado da edição, o ministro, prefeito de São Paulo e candidato à Presidência da República, Fernando Haddad.

DESTAQUES INICIAIS

"Em 1998 eu escrevi um artigo que antecipou a crise econômica e consequentemente política causada pelo fim da governança do pacto de Bretton-Woods, ou seja, o fim do padrão ouro, e nesse artigo eu antecipei que a América Latina poderia viver experiências fascistas em decorrência disso"

"Pela primeira vez em 200 anos os líderes europeus estão mais interessados no que acontece na Ásia do que na América, devido ao deslocamento do centro de reprodução do capital, e

com isso todo o continente americano corre o risco de ficar isolado do centro político e econômico desse novo período"

Existe um ressentimento quanto ao PT e as políticas de cunho social aplicadas no Brasil nos governos Lula e Dilma, por parte da velha direita, da elite econômica e da mídia corporativa.

O capitalismo não permite a superação dos momentos violentos da história, eles sempre retornam para nos assombrar.

TRECHOS DO DISCURSO SEGUNDO CATEGORIAS SELECIONADAS:

1. Concepção de frente política no combate ao fascismo: configuração e Mesa Política em Defesa da República e da Democracia;

Nada nos impede de estarmos juntos. O desafio está colocado, está aí o fascismo e o obscurantismo. E no momento a esquerda tem uma obrigação enorme.

Precisamos arrancar compromissos de todo o campo democrático para 2022.

Mas há questões práticas. Obstáculos práticos que precisam ser vencidos.

Precisamos nos atentar às duas mudanças na legislação eleitoral: Cláusula de barreira e fim da coligação nas eleições proporcionais. Porém, "nem isso, nem a eleição acontecer em dois turnos, podem nos impedir de firmar uma unidade já no primeiro turno"

No segundo turno "precisamos criar constrangimentos políticos para que a centro-direita não tome a posição que tomou em 2018"

"A extrema-direita no Brasil sempre foi um perigo, nem sempre vocalizada na política por falta de canais, mas um exemplo é a eleição do Jucelino,

quando Plínio Salgado obteve mais de 10% dos votos, anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Hoje temos no poder um Sub Plínio Salgado, um Plínio Salgado piorado.

Esta próxima será uma eleição de tipo novo, uma eleição com a direita no poder. E isso não deve ser desconsiderado.

2. Concepção de modelo de transição econômico social – Proteção social, retomada do emprego; incentivo ao empreendedorismo na transição; autonomia do Banco Central;

Precisamos de uma retomada do crescimento econômico para sair da crise, e isso não vai acontecer com o atual sistema financeiro e bancário do Brasil que funciona ao avesso do resto do mundo.

Precisamos lutar, nesse novo período, pelo acesso à terra e à terra urbana, educação, crédito para a população, e voltar a nos integrarmos com a América Latina.

“O PT deu autonomia para o MP, PF e Judiciário como nunca sido visto, e a Lava-Jato agiu na contramão disso, o Sérgio Moro viu uma oportunidade de fazer política e aproveitou, comprometendo todas as instituições nacionais. Quanto essa aventura custou ao país?”

“O meu governo foi o que mais recuperou dinheiro desviado da história da Cidade de São Paulo, desmantelado a máfia dos auditores, entre outras ações, a mídia tradicional nunca deu bola pra isso, só se importam com os processos contra o PT e o Lula”

“O Governo Bolsonaro já declarou que relativo à cartilha do FMI existem pontos em que ele concorda e outros que ele discorda, mas o problema é tentar discutir outra regra fiscal no Brasil, aí não pode. Quem disse que não pode? Se o governo discordar do Merval Pereira e da Míriam Leitão, ele cai?”

Em 1998 eu escrevi um artigo, bastante longo, que tratava a desregulamentação financeira promovida pelo neoliberalismo, que estava em voga naquela época, radicalizadíssima, dando uma liberdade que o liberalismo nunca teve. Havia desde a segunda guerra uma governança para salvaguardar os países. O que eu dizia com todas as letras era: nós vamos ter um problema financeiro grave e as políticas Keynesianas não serão suficientes. As crises

eram decorrentes do fim do aparato Keynesiano montado na pós guerra. Quando essa crise bater, a periferia vai viver seu momento fascista. Por que? Porque os países de renda média não iam ter como conter os efeitos e as consequências do fim da bolha especulativa nos vários mercados.

Um problema associado a esse é que a esquerda mundial não se preparou para a crise do neoliberalismo. O engraçado é que a esquerda anunciou a crise, embora tenhamos antevisto, mas não colocamos nada no lugar. Imaginamos que uma das fórmulas antigas fosse dar conta da crise que se avizinhava. A globalização colocou desafios importantes. Nosso desafio é formular um programa de superação da globalização e da crise do neoliberalismo. Para isso teremos que contar com a ousadia, porque não poderemos dar pinceladas num quadro fúnebre, teremos que enfrentar desafios estruturais. Esse projeto precisa ser pensado para além das fronteiras nacionais. A América, não só a América Latina, corre o risco de ficar isolada. As relações latino-americanas vão ter que se transformar. E isso fará com que passemos por reformas, cada país com suas especificidades. Se a gente ficar prisioneiro do que a esquerda já fez, nós não vamos sair da crise que está colocada.

O projeto nacional precisará contar com medidas mais estruturais. Em 2018 pretendíamos fazer a Reforma bancária, porque não temos sistema de crédito no país. Outra questão é que precisamos mudar o sistema tributário do país. A carga tributária está em um patamar que precisa mexer. O Lula conseguiu reorientar o dispêndio. Essa orientação foi revolucionária. A região mais pobre se emancipou e não pelo Bolsa-Família. O pobre começou a se enxergar no estado pela primeira vez. Nós precisamos mudar as regras de composição para o fundo público. Quem contribui mais é o pobre, proporcionalmente. E nós precisamos mudar o crédito e dar acesso à terra urbana, algo muito importante para o desenvolvimento futuro do país. Tudo isso tem que dar na ordem do nosso programa: terra educação, crédito sistema tributário justo, sistema de crédito adequado e radicalização da integração do Brasil. Terá que ser um governo ousadíssimo.

3. Soberania, Questão Nacional, questão ambiental; militares e Amazônia



Um projeto de nação se forja quando as camadas mais depauperadas, sem privilégio nenhum, ascendem aos níveis mais elevados. Aí sim, você tem um projeto de nação.

O que nós plantamos na primeira década deste século o Brasil vai colher por séculos. Vamos assistir o espetáculo de uma nação emergindo pelas mãos da sua gente mais humilde.

É por aí que a gente criou um cordão de isolamento ao obscurantismo.

Não existe projeto de nação que não conte com o pobre na universidade.

Um dos maiores problemas que precisamos enfrentar é a inclusão das mulheres negras.

4. Temas comportamentais e de valores: reconexão com base popular, tratamento na relação com as religiões;

A reeleição do Lula já significou um abalo da imagem que a elite tinha do Brasil. Como é que esse operário se reelege com uma taxa tão elevada de aprovação? Já tinha aquele mal-estar. Aqui em São Paulo eu senti o mal-estar instantaneamente e aquilo foi num crescen-

do sem que as pessoas se dessem conta. Em 2013 quando os meninos do Passe Livre foram praticamente expulsos da rua para dar lugar a essa direita bárbara que culminou com a eleição desse psicopata. Eu acho que ali já tinha o germe do que veio se desenvolver, um enorme ressentimento do que estava acontecendo no Brasil, de bom, não ruim.

Existia um projeto de inclusão, com participação e que pode ser resgatado, talvez com uma radicalidade teórica maior.

Eu escrevi em um artigo da Folha como era possível comparar as condutas apontadas em estudos da Escola de Frankfurt quando descrevia as práticas fascistas.

O uso da mentira, da sexualidade, da religião uma série de ingredientes que revolvem elementos atávicos, do processo de formação da espécie humana, resgatando aqueles sentimentos primitivos que se imaginava superados, com a violência do modelo atual, com o armamentismo. Nós temos tanta coisa que não foi superada, o patrimonialismo, o machismo, a escravidão. A questão racial nunca foi superada no Brasil.



PERSPECTIVAS CONSENSUAIS

As sínteses apresentadas no capítulo anterior, buscam elaborar um resumo com os principais tópicos abordados pelos mediadores e entrevistados, com diferentes níveis de aprofundamento de cada questão, privilegiando logicamente as áreas de especialidade e interesse das lideranças convidadas, o que determinou tamanhos e ênfases distintas, embora o tempo de conversa tenha sido majoritariamente simétrico. Os trechos destacados dos discursos seguiram uma organização por categorias pré-definidas que correspondem às perspectivas orientadoras das conversas, mas que não necessariamente têm um conteúdo que se encaixa em todas as categorias, para todas as entrevistas. Algumas privilegiam só dois ou três pontos.

Desses resumos, foram feitos cruzamentos para buscar perspectivas que evidenciem consensos nas principais questões e mesmo que apresentem mais de uma visão com possibilidade de convergência.

A seguir são apresentadas essas perspectivas.

1. DESTAQUES INICIAIS

Em todas entrevistas foram localizados **destaques iniciais** que evidenciam **diagnósticos dos cenários e possibilidades de inserção do campo progressista** na disputa por mudanças, na defesa democrática e sobretudo no esforço de combate ao fascismo.

Para **Ciro Gomes**, faltam à política brasileira métodos de diálogo e diagnóstico das questões nacionais, tendo em vista que a Democracia Representativa está em xeque no mundo todo. Visão compartilhada por **Marina Silva**, para quem a política sofre uma perda de potência no mundo, sendo necessária uma democratização da democracia, com novas formas de ativismo e participação promovidas pelos partidos. **Carlos Siqueira** identifica, também, que houve um distanciamento dos partidos da vida cotidiana das pessoas, porque o mundo mudou e os partidos não mudaram o suficiente. De acordo com **José Dirceu** a defesa democrática, a soberania nacional e o combate ao neoliberalismo são compromissos urgentes. Já **Roberto Requião** destaca a precarização do Estado que se transforma em estado policial para conter as revoltas geradas pela perda de direitos. **Flávio Dino** também enfatiza que o Brasil vive momento de retrocesso, refletido de forma aguda pela pandemia. Também nesse sentido **Guilherme Boulos** defende que a oposição a esses retrocessos passa por duas grandes plataformas, a defesa da democracia e as mudanças na economia para defender os interesses populares. **Fernando Haddad** igualmente compreende que o capitalismo não permite a superação dos momentos violentos da história; a globalização colocou desafios

importantes e caberá à esquerda enfrentar desafios estruturais e formular um programa de superação. Na mesma direção de que o projeto neoliberal tem por objetivo enxugar o Estado, **Benedita da Silva** entende que é necessário construir uma narrativa que permita a organização do trabalhador e da trabalhadora mais precarizados. **Manuela D'Ávila** do mesmo modo, avalia que a unidade se constrói a partir de pontos de convergência e esses pontos surgem da realidade concreta de um governo que permanentemente fragiliza a democracia e as instituições. **Aloísio Mercadante** alerta sobre essa fragilidade e para o ensaio antidemocrático que poderá desestabilizar o voto popular e **Celso Amorim** alerta para a posição do Brasil no cenário internacional carente da política externa ativa e altiva, solidária, integradora e multipolar que o governo Lula desenvolveu.

Diante desse quadro em que há muita convergência com relação à **gravidade** e à **urgência** de medidas de resistência, todos concordaram em dois pontos: a **necessidade de unificação** e a urgência para que tais medidas e ações sejam pensadas já para 2021 e não para a eleição em 2022. Como, com quais características e com que tipo de repertório essa agenda frenetista, essa convergência deve ser desenhada, são os pontos a seguir.



2. CATEGORIAS DE ANÁLISE DISCURSIVA

2.1 Concepção da Frente no combate ao fascismo, configuração e mesa política

Todos, sem exceção, concordam sobre a **necessidade de união**, sobre o desafio colocado e a **obrigação da esquerda em buscar convergência** na defesa democrática e no combate ao fascismo.

Todos também são **unânicos** na ideia de que antes de pensar em 2022 é **necessário enfren-
tar 2021**, pela urgente defesa da vida e mitigação do desastre econômico. Há, ainda, opinião comum na ideia de **pacto pela não agressão**, posições pautadas pelo respeito, além da tentativa de arrancar/formalizar compromissos de todo o campo democrático para 2022, com ênfase na ideia que no **segundo turno** todos deverão garantir estar juntos, especialmente se o adversário for o Bolsonaro. Como sugere Haddad, é importante criar constrangimentos políticos para que a centro-direita não tome a posição que tomou em 2018. **Carlos Siqueira**

se comprometeu a escrever uma **carta convocatória** para todas as forças de esquerda e progressistas que resulte em uma **mesa de debate para a formulação de um programa coletivo democrático** e de desenvolvimento nacional.

Ciro Gomes alerta que a principal razão dos ataques entre a esquerda e sua subsequente desunião é o **pragmatismo eleitoral**, que nos faz combater quem está no mesmo campo, por protagonismo. Trata ainda das anomalias geradas pelo critério de fundo eleitoral e tempo de Rádio e TV. **Haddad** também chama a atenção para duas mudanças na legislação eleitoral: cláusula de barreira e fim da coligação nas eleições proporcionais, embora, na sua opinião,

não sejam impeditivos para firmar unidade já no primeiro turno. De modo muito direto, **Benedita da Silva** é taxativa: ou nos unimos ou vamos para o buraco. Com a aceleração da crise social, aponta a necessidade de formulação de um programa nacional a ser debatido por todos, dos partidos à população. Esse, aliás, é um outro ponto que gera consenso. Para além de nomes, os partidos de esquerda devem pensar em projetos e pautas comuns. **José**

Dirceu analisa que é importante radicalizar a democratização dos partidos, sendo necessário pensar outras formas de unidade, levando discussões aos bairros, aos sindicatos, aos movimentos, de baixo para cima. **Roberto Requião** faz uma proposta que considera aristotélica do ato possível: "não podemos desestruturar o Brasil, é preciso articular um governo de transição para outro modelo". Na opinião de



Os entrevistados reconhecem que há obstáculos práticos que precisam ser vencidos.

Mercadante é preciso que essa unidade tenha por objetivo estabelecer parâmetros mais justos para a vida da população. Na mesma linha, **Marina Silva** defende que para acontecer a unidade do campo democrático deve ser alcançado o reconhecimento da diversidade política, da decepção do povo frente à política e o sentido de cada um olhar para si e perceber as diferentes contribuições do período democrático. Já na leitura de **Guilherme Boulos**, a unidade com o dito centro democrático vai só até o impeachment e a vacinação, já que esse setor não favorece uma aliança para 2022 na medida em que fecha as portas para o povo nos debates. De acordo com ele dois pontos são imprescindíveis no projeto da esquerda:

a viabilidade eleitoral sem esperar a centro-direita e a avaliação de até onde esse segmento é capaz na oposição a Bolsonaro. Será necessário, portanto, na visão de Boulos que a esquerda consiga se reconectar com o povo, refundar mecanismos de inserção e no diálogo com as camadas populares. Segundo **Manuela D'Ávila** a unidade precisa acontecer em dois graus diferentes: unidade ampla para a defesa da democracia e enfrentamento ao negacionismo científico e unidade eleitoral, construída a partir de um programa conjunto com herança do trabalhismo e lulismo. **Flávio Dino** reconhece que falta uma atitude de comunhão dentro da esquerda, também por isso é tão importante buscar pontos programáticos que sejam capazes de nos unir e nos vincular a eles, ao invés de debater o que nos separam. Por isso, **Dino** compreende que é necessário construir uma

metodologia da unidade, com senso de distinção e condutas como humildade e empatia, olhar mais para frente do que para trás e atenção ao tamanho do programa. Ou seja, seria imprescindível, **pactuar um programa mínimo** baseado no diagnóstico dos problemas nacionais. Os eixos desse programa seriam: questão nacional e soberania, combate à desigualdade social e reestruturação do modelo econômico brasileiro (energia renovável, indústria digital, robótica e tecnologia 5G). Do ponto de vista das Relações internacionais, **Celso Amorim** complementa sugerindo a formulação de uma política externa racional, a defesa da soberania (do Brasil e dos outros países) e a defesa da democracia, da vida e da saúde.

Ciro enfatiza e tem a concordância dos demais, deque é preciso oferecer alternativas viáveis ao Bolsonarismo e não apenas lidar com a negação.

2.2 Concepção do modelo de transição econômico social

Marina Silva sugere que os pontos de contato da agenda progressista, os pilares do projeto estratégico são: **combate à desigualdade social**, criando um novo ciclo de prosperidade; respeito às diferenças e valorização da diversidade e busca por um modelo sustentável de desenvolvimento que seja capaz de se reconectar com o que está acontecendo no mundo. E o mundo precisa convergir em dois aspectos: saúde, o combate à pandemia; além do meio-ambiente, interrupção do colapso ambiental, mudanças na matriz energética e na forma de produção. **Ciro Gomes** define que Saúde Fiscal, no espectro das reformas progressistas, é o Estado com uma capacidade grande de intervenção na sociedade e que cabe ao governo **liderar a retomada do desenvol-**

vimento. Ele defende que se aponte de onde pode vir o dinheiro porque isso previne o antagonismo. No seu raciocínio isso é fácil porque o Brasil tem um **sistema tributário** tão caricatural que é possível achar R\$ 300 bilhões de reais por ano, só em linha com as melhores práticas internacionais, como o imposto sobre patrimônio com alíquota moderada para evitar a fuga

de capitais, de 0,5% a 1%- diferente de grandes fortunas- porque vai na pessoa jurídica também; um tributo sobre lucros e dividendos empresariais, uma alíquota progressiva sobre Imposto de Renda. Diz ainda que antes de experimentar inovações monetárias, o Brasil tem que fazer coisas mais simples, como cortar 30% das **renúncias fiscais**, porque existe razão social para isso. Ainda Marina aponta para o caminho

"Todos concordam com a necessidade de buscar convergência, já em 2021".

das grandes potências cujas economias serão recuperadas com base no que está colocado no acordo de Paris e os objetivos do desenvolvimento sustentável para enfrentar as consequências das mudanças climáticas, a disrupção tecnológica que traz vantagens fantásticas, mas ao mesmo tempo desafios enormes e coloca a questão da educação e a questão da saúde pública, que é o espaço da cooperação no mundo. **José Dirceu** sustenta que a economia brasileira necessita de um programa **radical de distribuição de renda** e geração de empregos, e que a recuperação virá através do cumprimento da demanda de consumo. O trabalhador participa da renda nacional através do salário, cada vez mais desvalorizado, o que aumenta a participação do rentismo, que só aumenta o luxo do 1% mais rico, que possui 28% da riqueza do país, enquanto os 50% mais pobres possuem 12%. **Flávio Dino lembra que** nenhum país em guerra discute os custos das ações militares antes de realizá-las, por se tratar de uma emergência. Enfatiza que existem outras formas de aumentar a arrecadação do Estado que não interferem na dívida pública, como **os impostos emergenciais e sobre grandes fortunas, que estão na constituição**. E alerta ainda que não existe projeto de desenvolvimento ou combate à desigualdade sem derrubar o teto de gastos. **Guilherme Boulos**, na mesma lógica, sublinha que é preciso a derrota da política econômica que tem massacrado o povo brasileiro, que está entre a encruzilhada de morrer de vírus ou morrer de fome. A plataforma para combater o fascismo de Bolsonaro tem, na opinião de Boulos, um pé na luta democrática e um outro pé na luta pela igualdade social, pelos direitos sociais. Além disso, é preciso reconhecer que o

paradigma do trabalho mudou, muitos jovens não querem saber de trabalhar de carteira assinada, querem subsídio para empreender, facilidade de crédito para abrir pequenas empresas: "precisamos aprender a dialogar com uma geração que cresceu com o PT e hoje quer mais". Com a **uberização** se criou uma rede de empreendedorismo social que nós vamos ter que aprender a lidar. Complementando, iremos analisar que o novo modelo de desenvolvimento que a esquerda precisa entregar ao Brasil vai, necessariamente, passar por: 1- redução da jornada de trabalho, 2- Mudar a visão do papel do emprego na economia, e 3- debater a natureza da empresa privada. **Haddad** propõe uma re-

tomada do crescimento econômico para sair da crise, embora alerte que isso não vai acontecer com o atual sistema financeiro e bancário do Brasil que funciona ao avesso do resto do mundo. Ele reflete que é preciso lutar pelo acesso à terra e à terra urbana, educação, crédito para a população, e integração com a América Latina. De acordo com sua concepção, se a gente ficar prisioneiro do que a esquerda já fez, nós

não vamos sair da crise que está colocada. O projeto nacional precisará contar com **medidas mais estruturais**, fazer a reforma bancária, porque não há sistema de crédito no país e mudar, mudar o sistema tributário. **Mercadante** assinala que o atual Governo Federal apresentou três políticas para o enfrentamento da crise: Independência do Banco Central (o que aprofunda a financeirização da nossa economia), Militarização e Privatizações de estatais como a Eletrobrás. **Roberto Requião** critica a adoção de privatização de estatais e sugere que um novo projeto de transição deve ser fundado economicamente em três medidas: controle do Câmbio,

Socorro emergencial e vacina, combate às desigualdades, reformas estruturais e impostos para os mais ricos.

controle dos Juros e política econômica voltada para a geração de empregos. **Benedita da Silva** enfatiza que precisamos de uma esquerda que banque a taxação das grandes fortunas, já que o neoliberalismo cria um novo apartheid que tem por objetivo devolver os negros para a senzala. **Carlos Siqueira** questiona por que que nós precisamos ser o país mais conveniente do mundo para os países ditos desenvolvidos, uma vez que o país produz commodities, sobretudo agrícolas, minerais e precisa comprar quase tudo que os países desenvolvidos produzem industrialmente. Assim, defende que temos criatividade e inteligência suficiente para produzir, formular, mobilizar a sociedade para, por exemplo, na Amazônia, produzir uma atividade econômica sofisticada de biotecnologia, de biodiversidade. **Zé Dirceu** completa: nosso programa de combate ao rentismo precisa debater a dívida pública, que come boa parte do orçamento em juros, o papel do banco central na regulação econômica, os juros de empréstimo bancário que hoje passam dos 40%, e as

taxas de câmbio que nos dificultam a participação no mercado internacional.

E associada à estratégia política, **Manuela D'Ávila** sintetiza que as alianças e a plataforma para 2022 se constroem a partir do tripé que deve reger a esquerda em 2021: vacinação para toda a população, auxílio emergencial para o povo não morrer de fome e medidas de isolamento que interrompam a cadeia de transmissão do vírus. Os municípios, na visão de Manuela, podem contribuir para a geração de empregos e renda a partir das compras municipais e incentivando as redes locais de bens e serviços. No campo geopolítico internacional, **Celso Amorim** denuncia que no cenário atual, o Brasil tem relações ruins com todos os principais aliados ao fazer uma anti-diplomacia, sendo necessário retornar à normalidade das Relações Internacionais sendo que na relação com os Estados Unidos, há um avanço positivo porque existe um choque de concepções societárias no mundo hoje e o novo presidente Biden está do lado positivo.

2.3 Soberania, questão ambiental e questão nacional

Celso Amorim chama atenção para o fato de que a desmoralização das Forças Armadas faz parte do projeto de poder do Bolsonaro, assim facilitando a legalização das milícias. Estes, por oportunismo de voltar ao poder se submeteram a uma política contrária inclusive à da ditadura militar, quando abandonaram o desenvolvimentismo em detrimento do rentismo. Na visão do chanceler, precisamos retornar a uma política externa ativa, ativa e solidária, em conjunto com a América Latina para angariarmos poder de barganha nos organismos internacionais e recuperar soberania. **Carlos Siqueira** diz que

há um senso de responsabilidade democrática que não está restrito aos partidos nem ao STF, mas que está em toda a sociedade, inclusive em componentes das Forças Armadas, porque, hoje, a maior contradição da sociedade não está entre a esquerda e a direita, mas entre a democracia e o autoritarismo. **Ciro Gomes** alega que é preciso valorizar e investir nas Forças Armadas, que estão se desgastando nesse governo. E também aponta a urgência de reformular a política exterior hoje mantida na base da ideologia, com alinhamento subalterno ao Trumpismo nos Estados Unidos, fazendo a China prepa-

*Política externa
ativa e ativa,
sustentabilidade,
inovação e economia
de baixo carbono.*

rar alternativas que vão deixar o Brasil falando sozinho internacionalmente. **Guilherme Boulos** aponta que o Brasil se recolocou no mercado internacional como uma fazenda da China, da Europa. Com uma economia extrativista, produtora de commodities. O Brasil tem um potencial internacional de ser muito mais do que isso, a partir de um outro modelo que não necessita de grandes alterações legais, embora seja evidente, que precisaremos desfazer retrocessos. Precisamos de um modelo com investimento em ciência, em tecnologia e inovação, a exemplo do que a esquerda está debatendo internacionalmente, que coloque em questão a matriz energética do nosso país, modais de transporte, economia de carbono zero. Esses debates, na

opinião de Boulos, não estão sequer colocados na agenda nacional. **Marina Silva** concorda. Ela sublinha que os esforços no sentido da sustentabilidade são importantes mas são absolutamente insuficientes, requerendo mudanças drásticas, “é urgente transacionarmos para uma economia de baixo carbono, a política não pode seguir no caminho do desenvolvimentismo”.

José Dirceu destaca que o Brasil tem importância mundial pelo tamanho do território, da população e da potência tecnológica. Aponta que o Pré-Sal poderia render uma poupança na casa do trilhão, como os países árabes têm, se não tivesse a exploração sido cedida para empresas multinacionais, como parte do esforço neoliberal de desindustrialização.

2.4 Temas comportamentais e de valores

Guilherme Boulos insiste que urge **viabilizar políticas de combate ao racismo e à violência de gênero**, é isso que se espera dos governos por parte significativa da população. Os governos progressistas poderiam ter se utilizado da ferramenta de mobilização social para disputar valores e pautas que a esquerda considera centrais, uma disputa cultural. O Bolsonarismo ganhou as eleições no Brasil e mantém sua base coesa a partir da disputa de valores, da disputa ideológica. **Ciro Gomes** também frisa que a esquerda precisa rever sua inteligência

sobre o comportamento da população brasileira. A sociedade brasileira mudou profundamente nestes últimos anos, não só por essa avassaladora onda ideológica do consumismo, mas pela presença disso em coisas mais profundas como a religiosidade do povo brasileiro: a auto-ajuda, o neopentecostalismo, a teologia da prosperidade. Isso não está só entre os evangélicos. Para **Ciro**, existe uma faceta identitária

na crise: ela tem gênero, cor, idade e endereço. Mas focar só nessa faceta vai colidir com a moral popular, amplamente pentecostal. **José Dirceu** pensa que é fundamental pensar sobre a presença de evangélicos na política: eles têm o direito de fazer política, como qualquer outro grupo social, o que não pode é virar uma religião oficial do estado, aí sim interfere na liberdade religiosa de outros credos. **Marina Silva** **demarca** que a fé- e cada um tem a sua- tem a seu favor uma grande conquista da humanidade, que foi a separação entre estado e religião.

Políticas de combate ao racismo e à violência de gênero, Estado Laico e liberdade religiosa.

“O Estado Laico é uma benção para quem crê e para quem não crê” pois ele nos dá a proteção e a oportunidade de expressarmos nossa fé em harmonia com as outras. Há uma instrumentalização da política. Existem fundamentalismos. **Haddad** argumenta que o uso da mentira, da sexualidade, da religião compõe uma série de ingredientes que revolvem elementos atávicos, do processo de formação



da espécie humana, resgatando aqueles sentimentos primitivos que se imaginava superados, com a violência do modelo atual, com o armamentismo.

Nós temos tanta coisa que não foi superada, o patrimonialismo, o machismo, a escravidão. **Manuela D'Ávila** tem acordo nessa análise. As redes de ódio, segundo Manu, se organizam em torno de sentimentos e sensações que são arraigados no nosso povo, como o machismo e a misoginia. A misoginia e o machismo foram os ingredientes que costuraram o golpe contra a presidenta Dilma. Os sentimentos que são trabalhados por esses que propagam o ódio são sentimentos que estruturam a sociedade brasileira, como o caso do machismo e do racismo. Não se transforma uma sociedade racista por decreto, mas por um processo de construção. É o que o PROUNI faz quando coloca milhares de jovens negros pelas cotas na universidade, é um processo social e cultural. **Benedita da Silva** declara que as esquerdas precisam atacar com firmeza a intolerância o fundamentalismo religioso, mas isso não é deixar de **dialogar com os religiosos**, principalmente os evangélicos. O PT, nesse sentido, está abrindo núcleos de evangélicos por todo o Brasil. Os evangéli-

cos que entram para a política entram com o único objetivo de passar a agenda evangélica, o que interfere na laicidade do Estado, mas acabam votando junto com o projeto neoliberal por conveniência, um exemplo é a autonomia do Banco Central, que não tem nada de evangélico, mas era necessário pelas articulações que fizeram. **Flávio Dino** acusa Jair Bolsonaro de ser um sepulcro caiado (alguém que expressa uma imagem irreal de si) pois se elegeu dizendo defender a família e agora abandona as famílias. "Mas dizia ser defensor da família tradicional quando isso não existe, nosso compromisso deve ser com a constituição"

A nossa resposta deve ser sempre com valores que a Constituição garante: liberdades civis plenas e igualdade de direitos perante a lei. O Estado Laico não é antirreligioso, mas a lógica religiosa não pode interferir nas políticas públicas, uma garantia da Constituição de 1946, proposta por Jorge Amado.

Para **Celso Amorim**, há temas que podem reunir mais gente, especialmente os que tratam de valores civilizatórios. Isso pode se inserir em um debate maior, na formação de uma frente em defesa da democracia e dos ideais progressistas.



ENUNCIADOS

Projeto



Enunciados unitários no campo da esquerda-centro-esquerda selecionados segundo os objetivos do projeto

Por Tarso Genro- Coordenador R&D

Depois de examinarmos os principais tópicos abordados pelas personalidades políticas ouvidas no projeto "República e Democracia" foram identificados os **cruzamentos dos consensos**, que referiam aos objetivos do projeto. Estes objetivos - desde a concepção do Projeto - foram:

1. a busca de unidade na luta para bloquear o autoritarismo tendencialmente fascista do bolsonarismo, desprezando divergências que não sejam importantes para o momento político;
2. pontos comuns imediatos para unificar a contraposição ao genocídio, proveniente do negacionismo e da incompetência programada;
3. identificação de políticas de Estado de proteção social à população mais vulnerável, bem como a organização de atos de solidariedade da sociedade civil, para promover ações de combate à fome, à exclusão e à miséria absoluta, que aumentou dramaticamente no país;

4. compor, a partir de uma de uma Mesa Política Central de Partidos que gradativamente deve ser ampliada consensualmente com personalidades políticas nacionais - uma agenda de lutas partidárias em conjunto com os movimentos sociais, sindicatos, intelectuais e organizações defesa de direitos, em defesa da democracia e do Estado Social de Direito;

Passamos a arrolar, na forma de **Enunciados**, as visões que podemos apontar como inequivocamente unitárias no campo da esquerda-centro-esquerda, deixando de lado questões que poderiam ser polêmicas, ou seja pontos que são capazes de unificar as forças políticas presentes no diálogo "República e Democracia", para nos unir imediatamente - por fora dos debates eleitorais que todos os partidos estão realizando - no imediato da luta antifascista no ano em curso, que já apontam algumas perspectivas unitárias também de médio prazo:

Enunciados extraídos da literalidade e do sentido das entrevistas dos líderes nacionais, que indicam uma rede de afinidades que desmentem a existência de divergências intransponíveis para o enfrentamento unitário com a extrema-direita que governa o país, para bloquear e retirar o "bolsonarismo" do poder.

ENUNCIADO NÚMERO 1

É preciso gestar para o futuro, mas desde logo por vias heterodoxas - pela voz pública dos nossos líderes democráticos - uma política externa de cooperação estratégica, interdependente com soberania, articulada com todas as fontes de poder econômico, político e cultural, que emergiram nos últimos 30 anos dentro da ordem mundial, política que deve abranger os seguintes pontos de apoio, para favorecer uma política interna, tanto de reconstrução material e ética da nação, como de afirmação de um Estado Social renovado: cooperação financeira para o alongamento e

barateamento dos custos da dívida pública; cooperação, no plano ambiental, para integrar de forma definitiva, no projeto de desenvolvimento econômico a sustentabilidade eco-ambiental e a nossa plena soberania sobre a Amazônia; cooperação político-militar para a defesa de protocolos de uma paz mundial sustentável; retomada da cooperação econômica e política sul-sul e defesa da integração política e econômica da América Latina, baseada na solidariedade, no respeito à diferença e nos valores integrais da democracia política.



ENUNCIADO NÚMERO 2

A defesa da vida e a mitigação da miséria: a defesa de ações estratégicas de combate à Pandemia são incindíveis da luta contra o fascismo, programador do genocídio e também incindíveis da permanente denúncia política contra Bolsonaro - em níveis externos e internos; promover a retomada do diálogo político republicano e democrático, que só poderá ser expandido de

forma civilizada com a derrota do populismo fascista em curso, que obstruiu o republicanismo e aposta no golpe de Estado contra as instituições formais da República democrática, seja pela tentativa de acumpliciar-se com setores de extrema direita das FFAA, seja pelo enfrentamento com elas, com base num poder armado miliciano, já em evidência.

ENUNCIADO NÚMERO 3

O início de uma economia de transição do atual modelo liberal-rentista para um processo de desenvolvimento que nos permita distribuir renda e reorganizar as políticas públicas de inclusão social, promover o combate à fome e atacar a miséria absoluta, exige a retomada progressiva dos aumentos reais do salário mínimo, com reflexos nas aposentadorias mais baixas; exige a retomada da valorização do bolsa-família e a indução - pelo Estado - de um conjunto de obras públicas e obras privadas de interesse público, com empréstimos e financiamentos de juros subsidiados postura de Estado que exige - ainda - um vasto programa de compras públicas de alimentos, para retomar os estoques reguladores, ampliar e melhorar a qualidade da merenda escolar e estimular a agroindústria vinculada à agricultura familiar e às cooperativas de produção;

Os impostos emergenciais e impostos sobre as grandes fortunas, imposto sobre patrimônio com alíquota moderada, entre 0,5 e 1%, um novo tributo sobre lucros e dividendos e uma alíquota progressiva sobre o Imposto de Renda, o aumento de impostos sobre rendas do capital e sobre heranças dos excessivamente ricos e redução de um percentual mínimo de 30% nos incentivos fiscais, são medidas que poderão formar, num futuro próximo, as condições mínimas de igualdade para sustentarem a civilidade democrática e a solidariedade social que criam um grande país; a observação do pacto federativo com o olhar democrático da Constituição de 88, colocará - na nossa ótica - os Municípios e os Estados como sujeitos fundamentais das políticas públicas de desenvolvimento; medidas estruturais que incluem reforma bancária como criação de um novo sistema de crédito no país, acesso à terra urbana e radicalização da integração do Brasil no Mercosul;

ENUNCIADO NÚMERO 4

O combate ao racismo estrutural, à intolerância religiosa, às políticas de ódio, de violência contra a mulher, não só não se opõem, mas devem combinar-se com uma ampla política de respeito e diálogo com todas as religiões e confissões religiosas que não fazem da fé um instrumento de acumulação de riqueza, contrariamente às opções religiosas movidas pelo fundamentalismo ideológico e pela crescente despersonalização dos indivíduos; a laicidade do Estado é um elemento básico da concepção de República que nos une; o surgimento de um novo mundo do trabalho e das novas tecnologias info-digitais estão reorganizando os processos de produção, serviços e difusão

da informação nas grandes regiões metropolitanas, constituindo novas formas de uso comum dos espaços públicos - demandando uma utilização mais racional e democrática daquelas novas tecnologias, bem como a recriação das instituições de proteção aos trabalhadores, com novos sistemas protetivos para os trabalhadores não vinculados ao regime da CLT, combinados com a manutenção da proteção aos trabalhadores tradicionais, o que deve ser pensado através de medidas de curto, médio e longo prazo, que irão informar um novo modo de vida e um novo modo de organização dos sindicatos e das novas associações de defesa dos interesses do mundo do trabalho.



RELATÓRIO SÍNTESE DO PROJETO REPÚBLICA E DEMOCRACIA

PESQUISA E REVISÃO:

VITOR MARTINEZ

REDAÇÃO E EDIÇÃO:

SANDRA BITENCOURT

DESIGN:

ANDREA PEREIRA

